

Leitura ao pé da Letra

Caderno orientador para ambientes de leitura



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO**



PLURAL



Leitura ao Pé da Letra

Caderno orientador para ambientes de leitura

Adivinhe...

*Segundo estudos recentes,
Fazê-lo parado fortalece a coluna,
De cabeça para baixo, estimula a circulação,
De cabeça para cima é mais prazeroso,
Fazê-lo só é lindo, mas egoísta,
Em grupo pode ser divertido,
No banho é muito digestivo,
No carro, pode ser perigoso...*

*Fazê-lo com frequência desenvolve a imaginação,
Aos pares, enriquece o conhecimento,
Ajoelhado é doloroso...*

*Enfim, sobre a mesa ou sobre o escritório,
Antes de comer ou como sobremesa,
Sobre a cama ou na rede,
Vestidos ou nus,
Sobre o gramado ou no tapete,
Com música ou em silêncio,
Entre lençóis ou no armário:
Fazê-lo SEMPRE é um ato de amor, não importa a idade, a raça, o credo, o
sexo, nem a posição econômica...*

*LER sempre é um prazer!
O melhor é ler e desfrutar da imaginação!*

DOMÍNIO PÚBLICO

A Secretaria Municipal da Educação de São Paulo (SME), no período de 2010, 2011 e 2012, realizou a formação “Leitura ao Pé da Letra”. A proposta envolveu aproximadamente setecentos profissionais, entre professores orientadores da Sala de Leitura (POSLS) e bibliotecários do Centro Educacional Unificado (CEU).

A meta principal foi constituir, em cada unidade educacional, Clubes de Leitura que envolvessem toda a equipe: alunos, professores, funcionários, familiares e comunidade.

Todas as discussões e estudos realizados nesse processo formativo contribuíram para que os professores orientadores da Sala de Leitura e os bibliotecários potencializassem ações que já vinham desenvolvendo, bem como para que buscassem, no espaço da formação, alternativas para ampliar as estratégias de leitura, com a finalidade de provocar nos alunos e usuários dos CEUs o gosto pela boa literatura.

Assim como as demais publicações desta Secretaria, a elaboração foi coordenada pela Diretoria de Orientação Técnica – Sala e Espaço de Leitura. Sua construção contou com a parceria dos profissionais envolvidos na formação, instituição formadora, formadores e outros sujeitos, objetivando qualificar, cada vez mais, a leitura nas unidades educacionais e bibliotecas dos CEUs.

Esperamos que o Caderno orientador para ambientes de leitura seja mais um instrumento para a formação continuada, projetos de leitura e outros recursos desenvolvidos nas unidades educacionais e por todos da Secretaria Municipal de Educação, a fim de contribuir com o desenvolvimento da competência leitora da comunidade educativa da Rede Municipal de Ensino.

ALEXANDRE ALVES SCHNEIDER
Secretário Municipal de Educação de São Paulo

PREFEITURA DE SÃO PAULO

Prefeito
Gilberto Kassab

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Secretário
Alexandre Alves Schneider

Secretária Adjunta
Célia Regina Guidon Falótico

Chefe de Gabinete
Lilian Dal Molin

Diretora de Assessoria
Técnica de Planejamento
Sueli Aparecida de Paula Mondini

DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

Diretora
Regina Célia Lico Suzuki

DOT – SALA E ESPAÇO DE LEITURA

Coordenadora
Fátima Bonifácio

EQUIPE DE DOT SALA E ESPAÇO DE LEITURA

Hebe Moreira de Britto
Ivone Mosolino
Josiéli de Lima Oliveira
Silvana Moura Riguengo

PLURAL ASSESSORIA E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURA

Direção
Raquel Léa Brunstein

Autores
Ana Carolina Carvalho
Antonio Gil Neto
Raquel Léa Brunstein
Walkiria Rigolon

Leitura crítica
Josca Ailine Baroukh

Preparação e revisão de texto
Ana Maria Barbosa

Projeto gráfico de capa e miolo
Angela Mendes

Ilustração
Nathan Baroukh

Formadores
Ana Carolina Carvalho
Antonio Gil Neto
Cinthia Soares Manzano
Celinha Nascimento
Edi Fonseca
Josca Ailine Baroukh
Mara Cristina Rodrigues Dias
Mara Parisi de Moura
Maria Aparecida Vedovelo Sarraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Leitura ao pé da letra: caderno orientador para ambientes de leitura / Secretaria Municipal de Educação. - São Paulo : SME / DOT, 2012.
112p.: il.

Bibliografia

1.Educação 2. Leitura. I. Título

CDD 372.414

Código da Memória Técnica: SME21/2012.

Secretaria Municipal de Educação
São Paulo, fevereiro de 2012

11

Prólogo

15

Capítulo 1

Por que lemos literatura?

25

Capítulo 2

Clube de Leitura: estratégia para formar leitores

45

Capítulo 3

O tempo na Sala de Leitura e a felicidade de ser leitor

65

Capítulo 4

O empréstimo de livros: garantia do direito de ler

81

Capítulo 5

Espaço ou ambiente de leitura?

95

Capítulo 6

A Sala de Leitura e suas interfaces

108

Epílogo

110

Bibliografia

112

Agradecimentos



Prólogo

Tudo começou...

O Programa de Salas de Leitura do município de São Paulo surgiu em 1972¹ quando da articulação do projeto entre a Unidade Escolar de Primeiro Grau Profa. Maria Antonieta D'Alkimin Basto e a Biblioteca Infantojuvenil Anne Frank, com a intenção de expandir e intensificar as atividades de leitura e aprimorar a compreensão leitora por parte dos alunos.

Essa experiência deu início a tantas outras, e os resultados positivos das parcerias levou às Secretarias Municipais de Educação e de Cultura, em caráter permanente, o Programa Escola-Biblioteca, por meio do Decreto nº 10.541, de 29 de junho de 1973.

No ano seguinte, atendendo à demanda dos alunos e dos professores, a Secretaria Municipal de Educação determinou a criação de Salas de Leitura dentro das próprias unidade escolares, designando verba para a aquisição de mobiliário adequado e de um acervo mínimo de livros.

No decorrer de suas quatro décadas de existência, as Salas de Leitura (Decreto nº 49.731, de 30 de agosto de 2008) passaram por diversas mudanças, tanto no que se refere a sua estrutura física quanto à organização de seu trabalho junto à comunidade escolar. Atualmente, as atividades da Sala de Leitura fazem parte da matriz curricular de todos os alunos do Ensino Fundamental, fato que representa uma grande conquista. Cada turma tem, semanalmente, uma aula regular de 45 minutos, com o apoio de um mediador de leitura, o professor orientador da Sala de Leitura (POSL), que tem

1. O programa atendia à determinação da Lei nº 5.692 de 1971, que instituía a prática da pesquisa na unidade escolar.

suas funções fundamentadas pela Portaria nº 5.637, de 2 de dezembro de 2011, alterada pela Portaria nº 934, de 17 de janeiro de 2012

Um dos grandes desafios enfrentados atualmente pela Secretaria Municipal de Educação é qualificar e legitimar cada vez mais o trabalho desenvolvido na Sala de Leitura, já que sabemos que a leitura é forte propulsora de outras aprendizagens e elemento fundamental para o pleno desenvolvimento humano.

A Sala de Leitura é um ambiente privilegiado para constituir, ampliar e refinar a competência leitora dos alunos e, conseqüentemente, melhorar seu desempenho na escola, e portanto deve estar articulada ao projeto pedagógico de cada unidade.

Vale lembrar que os professores que atuam nesse espaço tiveram formações em diferentes campos do conhecimento e exerceram suas atividades em diferentes segmentos escolares, razão pela qual é importante instrumentalizá-los para o trabalho específico da Sala de Leitura.

Visando contribuir para a construção da identidade da Sala de Leitura, favorecer a reflexão e aprofundar os conhecimentos dos POSLs e dos bibliotecários que atuam nos Centros Educacionais Unificados (CEUs), o projeto Leitura ao Pé da Letra proporcionou-lhes formação inicial e continuada, bem como apoio e acompanhamento.

A principal meta desse projeto foi a de incentivar a criação de Clubes de Leitura que envolvessem toda a equipe escolar, alunos e seus familiares, no sentido de disseminar e potencializar a leitura da literatura.

Um caderno orientador...

Este *Caderno orientador para ambientes de leitura* nasceu das reflexões sobre o processo formativo dos participantes, da análise dos trabalhos pessoais (TPs) produzidos no decorrer do curso, bem como das visitas às unidades educacionais que nos possibilitaram conhecer de perto o trabalho desenvolvido pelos profissionais que atuam nos espaços de leitura da Rede Municipal, bem como suas necessidades e expectativas.

Esta publicação ancora-se em registros e memórias que fazem parte do

processo de formação e tem a intenção de proporcionar subsídios e orientações aos profissionais que atuam nos ambientes de leitura das unidades educacionais da Rede Municipal, sobretudo para o trabalho com a leitura literária.

O *Caderno* está organizado em seis capítulos e propõe uma leitura reflexiva com base em referências teóricas e literárias sobre temas considerados essenciais à prática profissional desses educadores. Você encontrará as seguintes seções:

- **E SE FOSSE ASSIM?** – apresenta sugestões de práticas leitoras relacionadas a cada tema.
- **VITRINE PEDAGÓGICA** – apresenta boas experiências realizadas nos ambientes de leitura da Rede Municipal.
- **LEITURA ÍNTIMA** – contribui com um breve recorte teórico ou literário sobre a temática.
- **DIÁRIO PEDAGÓGICO** – convida o leitor a produzir seus próprios registros ao longo dos capítulos.
- **GALERIA** – traz imagens de boas soluções para os ambientes de leitura das unidades.

Vale ainda ressaltar que este *Caderno* tem como finalidade provocar debates sobre temas pertinentes aos ambientes de leitura, favorecer a construção de novos conhecimentos sobre a importância da dimensão leitora e subsidiar os profissionais na construção de práticas pedagógicas que levem à melhoria da qualidade da leitura dos alunos do ensino municipal de São Paulo.

Como afirma Jean Goulemot (2011, p. 6), “os livros que não são lidos logo deixam de ser livros”.

Boa leitura e bom trabalho!

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA – SALA E ESPAÇO DE LEITURA

Musashi falava com suas tropas quando
o navio pirata se prepara



O detetive
a fazer aproximou-se da menina
e preservava o crime

Capítulo 1

Por que lemos literatura?

Por que lemos literatura?

*Dos diversos instrumentos do homem,
o mais assombroso é, sem sem dúvida, o livro.
Os outros são extensões de seu corpo.
O microscópio, o telescópio, são extensões da vista.
O telefone é extensão da voz.
Temos o arado e a espada, extensões do braço.
Mas o livro é outra coisa:
O livro é uma extensão da memória e da imaginação.*

JORGE LUIZ BORGES¹

Qual foi o último livro que você leu? E qual está lendo agora? Há algum que marcou sua vida? Que tipo de livro? O que você gosta de ler? O que oferece aos seus alunos? Por quê?

Vivemos em tempos marcados por tantas e simultâneas revoluções tecnológicas e científicas e, ao mesmo tempo, convivemos ainda com algumas situações características da Idade Média, com parcela significativa da população mundial em condições subumanas. É esse o panorama que nos toca e no qual se insere o aprendizado e o ensino da leitura, seja nas Salas de Leitura das nossas unidades escolares, seja nas Bibliotecas.

Ler é atitude valorosa e imperiosa, estratégia de vivência e sobrevivência, um oásis de reflexão e renovação de sentidos perante a sociedade na qual estamos inseridos. É ferramenta imprescindível para a participação em toda a riqueza histórica e cultural produzida pela humanidade e, também, é um meio

1. "O Livro", conferência pronunciada na Universidade de Belgrado, Buenos Aires, em 24 de maio de 1978.

legítimo de expressão particular e dialógica no mundo. O exercício da leitura da literatura é a condição essencial para constituir o universo pessoal do sujeito.

Ler é, portanto a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico. De obter uma certa distância, um certo “jogo” em relação aos modos de pensar e viver de seus próximos. Poder conjugar suas relações de inclusão quando se encontram entre duas culturas, em vez de travar uma batalha em seu coração. Em termos mais gerais, é um atalho que leva à elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando que se precipitem nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo, uma seita, uma etnia. (Sibony, 1991, p. 56)

É na unidade escolar que a leitura e a escrita devem ter seu lugar de direito social garantido, de forma democrática, oferecendo a conquista e o aprimoramento dessas ferramentas a todos.

Em um de seus livros, Martine Poulin (1990, p. 276. *Apud* Petit, 2009, p. 18-19) nos diz que “não é apenas no momento de desarranjos internos que os livros servem de auxílio, mas também quando acontecem crises que afetam simultaneamente um grande número de pessoas”. Nos anos 1930, nos Estados Unidos, a crise, segundo várias análises, levou milhares de norte-americanos para as Bibliotecas.

Às vezes, desempregados buscavam na leitura uma oportunidade de se distanciar do real e de sua própria situação, esperando que ela os levasse para fora do mundo. Às vezes, esperavam o contrário, que os mantivesse “dentro do mundo”.

Em muitos lugares, a Segunda Guerra suscitou igualmente um forte aumento das práticas de leitura, fato testemunhado por muitas pessoas, como Thaís Nasvetnikova, quando recorda o inverno de 1941 na Rússia: “Lembro que todo mundo lia... muito... eu nunca vi isso... esgotamos a Biblioteca desti-

nada às crianças e adolescentes. Então, nos permitiram ler os livros dos grandes” (*apud* Petit, 2009, p. 18-19).

Compreendemos e consideramos a leitura como atividade social essencial para a construção da autonomia, na qual inteligência, sensibilidade e imaginação se associam, possibilitando a expansão da nossa capacidade de interpretar o mundo para transformá-lo.

A leitura é estratégica na construção do saber e na relação com qualquer campo do conhecimento. Portanto, ancora todo o conjunto curricular. Na Sala de Leitura, ela não é meio, mas o próprio fim, o que torna imprescindível a leitura da literatura como condição essencial.

Assim, entende-se que o acesso constante à leitura literária, no desvelar das linhas e entrelinhas tramadas pelas palavras de tantos autores e arquiteturas, vai construindo saberes que favorecem também a leitura dos demais campos leitores, ainda que não sejam os literários.

É preciso situar a função do POSL na unidade escolar como sendo o profissional responsável pelo trabalho com a leitura de múltiplos gêneros textuais que circulam na vida social. Ler em um ambiente dedicado ao imprescindível e maravilhoso encontro do aluno com a ficção, seja uma Sala de Leitura ou Biblioteca, é diferente de ler nas salas de aulas, onde se prioriza algum conteúdo curricular ou assunto específico. Ler nas Salas de Leitura deve favorecer os acontecimentos leitores na vida dos alunos, que sempre os acompanharão, na construção de si mesmos.

Acontecimento é experiência, que é, segundo Larrosa Bondia (2002, p. 20-28), “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. E o que toca nossos alunos? Qual é o livro ou o conto que vai tocá-los, marcá-los? Que vai contribuir para a subjetivação deles?

Considerando que as Salas de Leitura e as Bibliotecas dos CEUs são ambientes pedagógicos que foram instituídos junto às unidades para promover essa atividade humana essencial – ler –, devem ser dedicados exclusivamente à tarefa educacional e cidadã de promover a leitura da literatura. Bibliotecários

e POSLs devem atuar em uma função mediadora – pensar, planejar, criar, concretizar e acompanhar atividades promotoras da leitura, transformando a necessidade de ler em desejos de leitura.

A mediação da leitura da literatura exige a construção de si própria por meio do deslocamento das demais áreas do currículo, ou seja, do conteúdo comum à sala de aula para um campo livre de descobertas. Na leitura literária, desvelamos as relações do mundo social e perambulamos pelo imaginário e fantasioso. Um aluno que de fato lê literatura, com o mínimo de autonomia que seja, não estará mais preparado para enfrentar seu percurso pela unidade escolar e as infinitas descobertas pela vida afora?



É se fosse assim?



Minha estante excêntrica

Sempre acreditei que a biblioteca de cada um contém uma estante excêntrica. Nela repousa uma pequena e misteriosa coleção de volumes, cujos assuntos não têm a menor relação com o restante da biblioteca, embora, numa investigação mais detalhada, revelem um bocado sobre o dono. [...]

Minha estante excêntrica contém sessenta e quatro livros sobre explorações polares: narrativas de expedições, periódicos, coleções de fotografias, trabalhos de história natural e manuais de navegação. ("Não toque em metal frio com as mãos úmidas e desprotegidas. Se você inadvertidamente o fizer, urine no metal para esquentá-lo e salve alguns centímetros de pele. Se puser ambas as mãos, é melhor ter um amigo por perto.") Esses livros se encontram tão impregnados de emoções que poderiam muito bem estar manchados de sebo de foca e úmidos pelos borrifos do mar de Wedell. Meu interesse é solitário. Não posso comentá-lo em coquetéis. Sinto-me algumas vezes como se tivesse passado grande parte da vida aprendendo uma língua morta, que ninguém conhecido consegue falar. (Fadiman, 2002, p. 27)

Como seria sua estante excêntrica? Que livros você colocaria ali? São livros de interesse solitário ou de interesse coletivo? Você tem interlocutores para discuti-los?

Pois é, como orientador de leituras e mediador do encontro inimaginável entre livro e leitor, você pode e deve ter uma participação superespecial. Você não acha que pode ser uma boa estratégia oferecer aos alunos nos nossos ambientes leitores um conjunto de livros que, após conhecidos por você, daria o que falar e, assim, poderia favorecer alguns encontros entre alunos e textos? Alunos leitores livres que, levados pela lufada de interesse e curiosidade, arriscam-se e mergulham na leitura?

Um baú excêntrico

Que tal criar um espaço divertido, uma caixa assustadora, um cestinho aventureiro, um cantinho misterioso, um conjunto poético ou uma coleção amorosa? Essas são algumas sugestões para escolhas de conjuntos de livros que seduzam e atraiam seus alunos... Conjuntos diferentes para idades diferentes... Conjuntos diversos para gêneros diferentes... Enfim, vários conjuntos! ◀



Leitura íntima



Paixão descoberta

Os livros não são só para ler, Pip, disse Irma quando Philip descobriu a paixão que ela guardava por eles, por seu conteúdo e aspecto físico. São coisas emprestadas, pedidas e roubadas. Uma vez, Pepys pegou emprestado o livro de um amigo sobre bizarrices humanas e o devolveu quinze anos depois, dizendo: Obrigado, gostei dele. Eles unem e ressuscitam amizades. São afagados em busca de conforto. As pessoas agarram suas lombadas para se refrescar ou aquecer. São portáteis, os mais eficientes dos navios. Você pode carregar um país, uma civilização inteira na dobra do seu pulso. Abrir uma vida, ou toda amplitude de um relacionamento, com toque suave do seu polegar. São incrivelmente leves e manejáveis para o que contêm, para o que podem induzir. (Bajo, 2009, 4ª capa) ◀



Vamos ler, refletir e registrar?

Não tenho vergonha de reconhecer que, sem me dar conta, aprendi nos livros a amar e a odiar; depois, mais tarde, a tolerar e dialogar. [...] Após cada uma de minhas leituras, mesmo quando se tratava de livros sem vínculos aparentes com a atualidade, tive subitamente a consciência de compreender melhor o mundo e mais ainda de saber com certeza que ele existia. (Goulemot, 2011, p. 6)

Chamamos prazer ao ato de ler sem nenhuma imposição? Prazer é algo que não causa dor ou aborrecimento? É sinônimo de preenchimento do tempo livre? É algo desvinculado da necessidade, do esforço? Trabalho e prazer se opõem de maneira excludente?

[...] Por meio de uma história “inventada” é possível refletir a respeito de muitos assuntos relevantes, como a mortalidade, a sexualidade, o sentido da existência, a pluralidade de visões de mundo, a relatividade dos valores, o espaço do indivíduo na sociedade, as utopias individuais e coletivas, a busca da identidade etc.

[...] Não se pode, no entanto, ficar restrito à esfera do que já se conhece: é preciso que, com a orientação do mediador e com a colaboração de companheiros mais experientes, as crianças e os jovens sejam apresentados a um repertório desconhecido ao qual não teriam acesso sozinhos. A diversidade de textos, a forma utilizada para apresentá-los e a paixão do mediador permitem a crescente autonomia do leitor, em virtude do conhecimento de opções e da desautomatização do modelo padronizado a que muitas vezes o leitor está acostumado. (Britto, 2007, p. 28)

[...] O prazer da leitura resulta de uma postura ou atitude do leitor perante os diferentes tipos de discurso que circunscrevem e dinamizam o mundo da escrita, e não



Capítulo 2

Clube de Leitura: estratégia para formar leitores

Clube de Leitura: estratégia para formar leitores

O poder dos leitores não se esgota em sua capacidade de reunir informações, ordenar e catalogar, mas em seu dom de interpretar, associar e transformar suas leituras. [...] Para essas culturas do livro, o conhecimento não consiste no acúmulo de textos ou informações, nem no livro como objeto, mas na experiência resgatada das páginas e novamente transformada em experiência, em palavras que se refletem tanto no mundo exterior como no próprio ser do leitor.

MANGUEL, 2006, p. 83

Clube de Leitura: que arquitetura é esta? Como se estabelece, como se traduz na organização de um trabalho e como opera na execução de processos de formação de leitores? Será que um clube de leitores pode mesmo acontecer numa unidade escolar, mais precisamente numa Sala de Leitura ou Biblioteca, com o permanente ir e vir de alunos, que passam por ali uma vez a cada semana? Afinal, um Clube de Leitura que se preze não precisaria ter sido edificado pelos seus sócios e cúmplices em torno de um interesse comum?

Para além da leitura silenciosa e solitária (fundamental para a constituição do leitor), o Clube de Leitura possibilita o exercício da negociação de significações, que exigirá uma atitude ativa do leitor, já que tem a oportunidade de socializar e discutir sua experiência leitora. Portanto, o exercício fundamental é ter a palavra, ter a escuta, ser respeitado e ao mesmo tempo ser respeitoso. Haveria exercício mais legítimo e significativo para o alcance da cidadania plena?

Um Clube de Leitura é um ambiente organizado, acompanhado e sustentado pela mediação do professor orientador e do bibliotecário no sentido de

fomentar a leitura junto aos alunos. Nesse ambiente, mesmo com tempo tão delimitado (45 minutos por turma), é possível colocar em ação um clube onde se constituirão verdadeiros leitores.

O Clube de Leitura é estratégia que dá identidade à Sala de Leitura. Essa é sua vocação primeira. É o lugar destinado aos acontecimentos leitores. Apoiando-se nas experiências dos outros participantes do clube, cada qual com diversas interpretações do que foi lido, os membros do Clube trocam muitas ideias durante os encontros. Assim, a partir desse intercâmbio ativo promovido pelo Clube, cada leitor vai se aprimorar mais e mais, alcançando patamares cada vez mais sensíveis na leitura, progressivamente mais autônomos e prazerosos.

Na unidade escolar, a organização de um Clube de Leitura favorece o desenvolvimento de vários comportamentos leitores, possibilitando um real intercâmbio de experiências leitoras:

- aprender a selecionar o que ler;
- explicitar critérios de seleção;
- ler com diferentes propósitos;
- recomendar uma obra a outros;
- confrontar interpretações sobre um mesmo texto;
- evocar outros textos a partir do texto lido etc.

Mas como começar um clube com alunos que nunca tiveram essa experiência? Algumas ideias para dar início a essa proposta.

Ao iniciar um Clube de Leitura é preciso conversar e estabelecer com os participantes (alunos ou professores) alguns combinados para a sua realização, envolvendo-os na proposta do Clube e suas atividades, deixando claro o que é, como será realizado e os demais aspectos que se fizerem pertinentes.

Uma pergunta-chave pode iniciar essa etapa de organização: O que é um Clube de Leitura? Para que serve? Anotar o que dizem os participantes do Clube e orientar os comentários de todos pode ajudar a compreender e a caminhar com mais eficácia nessa proposta.

Em seguida, é hora de estabelecer com o grupo as regras de funcionamento do Clube. Uma condição importante para seu funcionamento é a criação

de um clima de colaboração entre os “associados”. Por isso, é necessário que os integrantes (alunos, professores, funcionários e familiares) assumam responsabilidades e respeitem-se mutuamente.

Ao criar um Clube de Leitura em sua unidade, considere criar também estratégias para divulgá-lo. Há várias possibilidades: varais de livros, gincanas, bancas de livros, cartazes, leituras no recreio, murais, convites, performances e tantas outras!

O Clube de Leitura favorece as experiências leitoras dos alunos na direção de sua formação leitora com a qualidade necessária para a vida cidadã. Não se trata de uma atividade opcional ou apenas dirigida a alguns eleitos ou candidatos. É atividade nuclear e primordial. Por meio dela, são garantidos os princípios e objetivos almejados pelo trabalho com leitura de cada Sala de Leitura ou Biblioteca.

Arquitetando um clube de leitura

Nomes e datas de encontro

É interessante que os alunos escolham um nome significativo para seu Clube e discutam as regras e os combinados de funcionamento. Um desses combinados é sobre a regularidade dos encontros e a quantidade de páginas que deverá ser lida em cada reunião. As reuniões podem ser semanais ou quinzenais.

Escolhas

Os alunos devem poder escolher o que desejam ler, mas essa escolha não dispensa a orientação do professor ou do bibliotecário. Existem muitas possibilidades para qualificar a escolha. Você pode:

- apresentar e discutir com os alunos determinado assunto, autor ou um gênero literário específico e indicar ou disponibilizar as obras constantes no acervo sobre os respectivos temas;
- indicar diversas obras de algum autor “favorito” dos alunos;

- despertar o interesse dos alunos por obras ainda desconhecidas, lendo resenhas delas;
- recomendar os livros mais adequados ao interesse e à faixa etária dos alunos etc.

Veja algumas sugestões no “E se fosse assim?”.

Começando a leitura

Feita a escolha, a leitura do livro pode ser iniciada na Sala de Leitura, mas a maior parte dessa atividade deve ocorrer em casa.

O que fazem os participantes?

É importante orientar os participantes do Clube a fazer algumas anotações sobre a obra escolhida para enriquecer as discussões. No início, é provável que os alunos precisem de ajuda para começar uma conversa sobre o livro lido, necessitando de modelos, referências, apoio. O POSL e o bibliotecário podem ajudá-los, distribuindo, por exemplo, filipetas com questões como:

- Fale sobre a história: é interessante ou não? Comente uma passagem bonita, triste, alegre ou alguma que deu medo, arrepio, encanto.
- O ritmo da história é rápido demais ou se arrasta e vai dando voltas e voltas?
- O começo: foi interessante e deu vontade de continuar? Ou foi meio chato e depois ficou mais interessante?
- Como foi o final? Uma surpresa ou já era previsto desde início?
- O autor escreve bem, tem trechos bonitos? Dão arrepio, vontade de chorar? Há também trechos engraçados, que fazem rir? Ou parece que o autor escreve qualquer coisa só para encher o papel?
- Os personagens agem de modo verdadeiro, convencem? Ou não têm a menor importância e ficam só enchendo as páginas sem nenhuma função verdadeira na história?
- Que outros livros a leitura desse o fez lembrar?
- Você recomendaria esse livro para um amigo? Para quem e por quê?

Outras práticas podem ajudar os participantes do Clube a conversar, como, por exemplo, o baralho de perguntas desenvolvido pelos formadores do projeto Leitura ao Pé da Letra. Percebendo que muitos POSLs e bibliotecários observavam nos alunos certa dificuldade ou timidez durante as conversas após as leituras, foi criado um baralho com dicas do que falar sobre o que foi lido.

Uma sugestão para usá-lo: cada membro do grupo retira uma carta do monte que deve ficar no centro. Lê a pergunta e responde ao grupo, ou então escolhe outro participante para responder a pergunta lida.

E o professor?

Durante a reunião do Clube para discutir o livro lido, o professor deve circular entre os grupos e incentivar a discussão entre os alunos, bem como a participação de todos, pondo em evidência as diversas interpretações e valorizando as diferentes opiniões.



Para terminar...

Ao final da leitura das obras, é sempre importante organizar uma grande roda para que os representantes dos diversos grupos apresentem os critérios da escolha do livro, comentem o que julgam relevante na história, recomendando ou não sua leitura, e justifiquem sua opinião a respeito da obra.



É se fosse assim?



Nos Clubes de Leitura, quando o POSL ou o bibliotecário propõe que os alunos conversem sobre livros que levaram emprestados, sua principal intenção deve ser a de construir uma comunidade leitora e “possibilitar a cada elemento do grupo beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor o livro lido” (Colomer, 2007, p. 143).

“Tapete de livros” ou “Mar de histórias”

É uma atividade que pode dar corpo a um Clube de Leitura. Inicia-se com uma manta, toalha, colcha ou outro tecido qualquer, bem bonito, colocado de preferência no chão, no meio da sala. Tem o propósito de despertar a curiosidade e instigar todos os alunos a participar da atividade que se inicia e se oferece a partir do tapete de livros expostos.

Constituindo o conjunto de livros

É bom lembrar que, para constituir o tapete, os livros poderão ser escolhidos pelo POSL ou bibliotecário com base em uma pesquisa no acervo ou por livros trazidos pelos próprios alunos ou participantes.

Para facilitar a escolha do conjunto de livros a ser exposto, é possível con-

templar algum gênero literário combinado previamente com a turma. Por exemplo: contos de terror, ficção científica, fábulas, crônicas.

O Clube de Leitura favorece a leitura diversificada dos muitos gêneros literários, com base na sondagem das turmas, considerando seus desejos e necessidades. Podemos propor diferentes temporadas leitoras com gêneros diversos.

Por exemplo:

- Hoje é dia de crônica!
- Um pouco de poesia...
- Quem tem medo de assombração?
- Contos amorosos para sonhar acordado...

Com essas leituras articulando-se no coletivo do Clube, haverá maior estímulo para o empréstimo. Desta forma, a autonomia leitora tão almejada vai sendo engendrada e, conseqüentemente, o universo leitor de cada associado do Clube se expande.

Com a prática dessas atividades ao longo do tempo, os alunos também poderão escolher o conjunto de títulos a ser exposto, com a ajuda do mediador e com base em intenções e critérios claros. Por isso, é muito importante que cada POSL ou bibliotecário conheça o material que disponibilizará para o manuseio de todos os alunos da classe.

Hora da escolha!

Com o grupo sentado no chão em volta do tapete, apresente uma breve síntese de cada título. O orientador do Clube pode pedir a participação dos envolvidos, aproveitando para conhecer o gosto de cada um. Em seguida, os participantes devem ser estimulados a manusear e explorar os livros com o propósito de escolher um para ler na íntegra. Cuide para que ocorra a escolha de títulos comuns.

A seguir, organize a classe em subgrupos de até seis alunos, de modo que aqueles que escolheram o mesmo título sentem-se juntos. Convide-os a lerem silenciosamente um trecho, o mesmo conto, certo número de páginas ou de capítulos previamente combinado.

Comentando a leitura

Feita essa primeira leitura, abra espaço para que os grupos conversem e troquem entre si impressões sobre o texto: trechos provocativos, curiosos, dúbios, estranhos, difíceis, emocionantes etc. Você pode também provocar os grupos propondo que pensem em perguntas que fariam ao autor ou a uma das personagens.

Outra sugestão é solicitar que comentem a respeito das características e aspectos da obra selecionada mais relacionados com o gênero em questão. É importante incentivar os alunos a falar sobre o que leram, mas não como se tivessem que responder a um questionário, com respostas certas ou erradas. O que deve vir à tona é o que foi observado e iluminado pelas leituras que se mesclam. E que podem levar os leitores, a partir das descobertas, a retornar ao texto para reler, verificar, perceber, checar. A intervenção mediadora do POSL ou do bibliotecário é fundamental, pois provoca o compartilhar das descobertas dos alunos.

E o professor?

Durante a atividade, circule entre os grupos, incentive as discussões, registre algumas ideias – as mais significativas – para utilizá-las no fechamento dessa etapa da leitura.

O importante é coordenar a socialização das impressões sobre o texto. Vale, dependendo de cada grupo, apontar as características dos textos, integrando-as ao que foi inicialmente apresentado pela turma, o que poderá também possibilitar que apreendam marcas e aspectos que caracterizam o gênero textual contemplado.

Uma grande roda possibilitará que socializem as leituras de diferentes obras discutidas nos pequenos grupos. Cuide para que, à medida que cada grupo apresente seus comentários, os demais tenham algo a acrescentar ou discordar com base no que foi explicitado.

Próximos capítulos...

Isto realizado, organiza-se a continuação da atividade. Cada aluno/grupo, conforme combinado, continuará a leitura do livro escolhido. Garantimos assim o sentido da sessão de empréstimo. É a configuração de um Clube de Leitura em andamento: os alunos levam os livros para casa para continuar a ler. Combinado o período de tempo, retomarão a conversa sobre o que leram. ◀



Um mar de histórias

“Mar de histórias” é a expressão que se usava em sânscrito para se referir ao universo das narrativas. Ao transitar por essas rotas imaginárias, é sempre bom ter em mente a metáfora do mar. Ou seja, é preciso ter um caminho, é preciso manter o leme firme, mas é também necessária a consciência de que se navega em águas que ora podem ser muito tranquilas, ora podem se transformar em verdadeiros maremotos. Esta é a aventura literária da qual fazem parte o mestre e seus alunos: é preciso coragem para trafegar por mundos imaginários; porém, as viagens serão sempre cheias de descobertas. (Pietro, 1999, p. 23)

Sociedade literária e torta de casca de batata

O trecho a seguir foi retirado de um romance inglês. A história se passa em 1946, na sombria realidade da Segunda Guerra Mundial. Para compensar a Ocupação alemã, moradores de uma ilha britânica fundam uma sociedade literária.

Sou membro da Sociedade Literária e Torta de Casca de Batata de Guernsey. Sou

funileiro, embora algumas pessoas gostem de me chamar de catador de lixo. Também invento aparelhos para poupar trabalho – o mais recente foi um pregador de roupas elétrico que faz a roupa flutuar delicadamente no ar, poupando os pulsos da lavadeira.

Se encontrei consolo na leitura? Sim, mas não logo de início. Eu só ia até lá e comia a minha torta, quieto num canto. Então Isola me disse que eu tinha que ler um livro e falar sobre ele como os outros fazem. Ela me deu um livro chamado *Passado e presente*, de Thomas Carlyle, e como ele era chato – me deu até dor de cabeça – até eu chegar na parte sobre religião.

Eu não era um homem religioso, embora não por não ter tentado. Lá ia eu, da igreja para a capela, de novo para a igreja. Mas nunca consegui ter fé, até que o sr. Carlyle me mostrou a religião de outra maneira. Ele estava andando no meio das ruínas do mosteiro de Bury St. Edmunds quando um pensamento lhe veio à mente e ele o descreveu assim: Alguma vez você se perguntou se os homens tinham uma alma – não por ouvir dizer, ou em sentido figurado, mas como uma verdade que eles conheciam e que praticamente deduziam? Realmente, era um outro mundo aquele... entretanto, é uma pena termos perdido contato com nossas almas... na verdade, vamos ter de ir em busca delas de novo ou vamos sofrer as piores consequências.

Isso não é incrível: conhecer sua alma por ouvir dizer e não por conhecimento próprio? Por que eu deveria deixar um pastor me dizer se eu tinha ou não uma alma? Se eu pudesse acreditar que tinha uma alma por mim mesmo, então eu poderia entrar em contato com ela sozinho. (Shaffer e Barrows, 2009, p. 115) ◀



Vitrine pedagógica



Pontapé inicial no Clube de Leitura

EMEF “PROF. ANTONIO DE SAMPAIO DÓRIA”

PROFESSORA ORIENTADORA DA SALA DE LEITURA: TÁDIA APARECIDA BRAVO DE CAMPOS

PÚBLICO-ALVO: ALUNOS DO 6º E DO 7º ANOS

Conversando sobre o Clube de Leitura

Esta é a primeira vez que nossa escola tem um trabalho como este – o Clube de Leitura. Procurei planejar as aulas buscando primeiramente sensibilizar as classes envolvidas, explicando sobre o objetivo desta nova atividade, como os grupos iriam se constituir, em quais aulas iríamos discutir sobre as leituras, suas opiniões e registros.

Organizando os grupos e escolhendo os livros

Separei alguns livros que são muito requisitados para empréstimos. Mas, como é importante ampliar o repertório de leitura dos alunos, além dos que eles costumam pedir selecionei outros que considero boas leituras e adequados à faixa etária da turma.

Coloquei-os nas mesas para que pudessem escolher. Pedi que os alunos explorassem os livros, lendo as orelhas, o resumo da contracapa, os títulos dos capítulos.

Orientei-os para que formassem grupos de três ou quatro alunos para a leitura do livro escolhido.

Percebi que alguns não se interessaram pelos livros ali expostos. Então permiti que escolhessem outros livros das prateleiras, desde que formassem um grupo interessado pela mesma leitura.

Auxiliando no registro da leitura

Organizei um caderno para registro das leituras com informações sobre o livro, título, autor, editora e tombo. Além destes, os nomes dos participantes do “Clubinho”. Na sequência orientei que fizessem comentários individuais sobre o livro lido:

Se gostou diga por que vale a pena lê-lo. Mas se não gostou diga também seus motivos. Faça uma propaganda do livro lido. Diga por que é legal ler esta história.

Socializando e discutindo sobre o livro

Como combinamos, no prazo de quinze dias iríamos reunir os grupos e discutir sobre a leitura. Nem todas as classes já tiveram esse momento, mas naquelas em que já houve, procurei circular entre os grupos, questionar e auxiliá-los nas discussões de um modo que possam, a cada encontro, adquirir as habilidades necessárias para se tornar bons leitores.

O clube do livro

EMEF "ARTHUR ALVIM"

PROFESSORA ORIENTADORA DE SALA DE LEITURA: **MÁRCIA AFFONSO PARISOTTO**

PÚBLICO-ALVO: **ALUNOS DO 5º ANO**

Distribuí em cada mesa quatro livros iguais. Os alunos de 5º ano foram se sentando aleatoriamente. Quando se acomodaram, conversei sobre o desenvolvimento da atividade. Primeiro, pedi que fizessem o reconhecimento do livro: olharam capa, autor, contracapa e por último o resumo, que a maioria dos livros traz na contracapa. Em seguida, expliquei que a partir desse dia estaríamos iniciando o Clube da Leitura, que aconteceria nas aulas da Sala de Leitura.

Pedi que combinassem a quantidade de capítulos ou de páginas que seriam lidos para a próxima aula e que fossem anotando as palavras cujo significado não conheciam, bem como os trechos que não tivessem entendido.

Expliquei que eram importantes essas anotações para que pudessem compartilhar com os colegas do grupo suas impressões sobre o livro lido e que ouvir a interpretação dos colegas poderia fazer que vissem o que leram com outros olhos. Na aula seguinte, os alunos retornaram cada qual com seu livro. Sentei de mesa em mesa e fui conversando com eles.

Foram contando as partes que leram. Muitos alunos trouxeram as anotações, como combinado. A maioria era de palavras das quais não sabiam o significado; procuramos juntos no dicionário. Eles passaram a compreender melhor o que leram.

A atividade tem corrido muito bem; notei que alguns alunos que ainda não haviam criado o hábito da leitura começaram a se interessar mais. Outros não conseguem ler só o que o grupo estipula e acabam lendo muito mais. Num determinado grupo, um dos alunos leu o livro todo em uma semana e já pegou outro para ler.

Eles vêm para a aula empolgados! Querem contar a impressão que tiveram da leitura e perguntam se poderão fazer o mesmo com outros livros.

Encontro com eles nas dependências da escola e querem me contar sobre a leitura, o que descobriram, o que gostaram, o que acharam engraçado e tudo mais. Isso é muito bom! Estamos conseguindo contagiar muitos alunos com essa estratégia.

Por que essas são boas experiências?

- As POSLs planejaram com antecedência os passos para a introdução do Clube de Leitura na unidade.
- Elas selecionaram do acervo os títulos que consideraram mais adequados ao interesse da turma.
- Explicaram o que é um Clube de Leitura, esclarecendo as regras do seu funcionamento.
- Permitiram que os alunos explorassem os livros e escolhessem qual desejavam ler.
- Deram continuidade ao trabalho nos encontros seguintes.

Cheios de opinião!

EMEF “DR. FÁBIO DA SILVA PRADO”

PROFESSORA ORIENTADORA DE SALA DE LEITURA: **CATHIA MARIA ASSONI BARREDO**

PÚBLICO-ALVO: **ALUNOS DO 4º E DO 8º ANO**

Com os alunos dos 8^{os}, os grupos receberam livros que eu havia previamente separado, de acordo com os temas (juvenis) e a quantidade adequada. Eles foram orientados quanto ao tempo e à proposta de leitura e sobre os comentários dos textos, durante aproximadamente três semanas, ao final das quais preencheriam (em grupo) uma “ficha” sobre o trabalho realizado.

Fui acompanhando seus comentários – alguns grupos gostavam do que liam, outros não; alguns alunos se interessaram, outros não (liam pouco, inventavam desculpas...).

Combinei com a professora de Português que iríamos trabalhar juntas, aproveitando o desenvolvimento da atividade para avaliação e acompanhamento dos alunos. Isso ajudou a aumentar o “interesse” dos jovens. De qualquer forma, me surpreendi com os comentários pertinentes e “cheios de opinião” que faziam durante as aulas que utilizamos para isso.

Na última semana, entreguei-lhes uma ficha para que, juntos, preenchessem com informações técnicas do livro (autor, ilustrador, edição, adaptação etc.) e apreciação (tema, trecho a destacar, parte que gostaram, indicar para mais alguém...).

Com as crianças da Academia Estudentil de Letras – AEL, alunos dos 4^{os} anos, o trabalho também foi muito proveitoso. Li com um dos grupos o livro escolhido e todos comentamos. Alguns utilizaram seu “caderno de registros” para anotar trechos, frases que consideraram interessantes etc.

Encantou-me a atitude de uma de nossas “acadêmicas”, Karina, que não sabe ler, mas tem enorme interesse por leitura. Ela levou um livro ilustrado sobre teatro e, além de anotar trechos em seu caderno, quis contar para todo o grupo o que achou do livro... Detalhou a história e nos envolveu em sua narrativa (ninguém diria que ela não consegue ler e que foi ajudada em casa...).

Por que esta é uma boa experiência?

É uma ação de formação de leitores cujo foco é a leitura da literatura. Envolve vários profissionais da unidade no trabalho de fomento à leitura. Revela os objetivos da ação de formação leitora. Coloca todos os alunos como protagonistas do Clube de Leitura. Traz reflexões do mediador sobre o processo de criação e instalação do Clube. Relata caminhos e reajustes na organização do trabalho.

Clube de Leitura de Bem com a Vida

MADELEINE CECIM PINTO DE SOUZA – BIBLIOTECÁRIA

O Clube de Leitura de Bem com a Vida é um projeto voltado para a terceira idade que frequenta o CEU Três Pontes, onde se promove a integração do público por meio da leitura de obras e reflexão da leitura feita em grupo pelos participantes.

Os participantes são estimulados a ler, debater e trocar experiências sobre o livro lido.

Objetivo geral

- *Socializar o prazer de ler por meio do Clube da Leitura, como espaço de trocas culturais e de integração da biblioteca e a comunidade da terceira idade.*

Objetivos específicos

- Promover o livro e o prazer da leitura;
- promover encontro de gerações em torno do livro e da leitura;
- estimular a leitura de mundo e ampliar suas possibilidades de convivência social;
- desenvolver a capacidade linguística dos associados do clube da leitura;
- resgatar e valorizar a cultura local.

Estratégias

- Encontros duas vezes ao mês, sempre às sextas-feiras, às 9 horas. Seleção de livros de acordo com o público da terceira idade.
- Levantamento de leituras complementares, como poesias, contos, crônicas, provérbios e letras de música para compartilhar com os participantes. Promover o debate e a participação do grupo.
- Promover um café literário com o intuito integrar os participantes.

Por que esta é uma boa experiência?

A Biblioteca do CEU tem aqui a função de acolher e prestar serviços à comunidade para além dos muros da escola.

Os participantes do Clube de Leitura têm oportunidade de conhecer e explorar o acervo da Biblioteca e de ampliar seus horizontes culturais e sociais. ◀



E se fosse assim?



Para leitores principiantes

Tenha sempre um livro por perto. Fortalece a alma. Um livro pode ser aberto a qualquer momento, pode dar o toque que falta, pode apresentar o verso mais bonito, pode encher o peito de coragem.

Não seja preconceituoso: leia tudo que cair em suas mãos. De receita de patê de fígado de galinha caipira a biografia de setecentas páginas de algum ilustre desconhecido.

Com o tempo, você vai selecionando o que mais gosta de ler, o que mais precisa, o que mais o ajuda e responde a seus desejos, necessidades e lacunas.

Arrume tempo para ler. Tempo é uma invenção de cada um de nós, talvez a única que podemos dominar. Crie o seu tempo. Descubra-o nas orelhas dos livros, nos olhares perdidos sem horizontes, nos buracos dos queijos. Tempo, quando se quer, a gente inventa.

Ouçã o que as outras pessoas têm a dizer sobre uma leitura. Ninguém é dono da verdade. Ninguém, de verdade. Por isso, curta o prazer de conhecer outros entendimentos sobre o mesmo texto que várias pessoas, todas diferentes, leram.

Acostume seus olhos à curiosidade leitora. Aproxime-se de objetos de leitura sem receios, preocupações ou timidez. Os olhos leitores não têm cerca. São saudavelmente curiosos.

Descubra – ou crie – um lugar só seu, gostoso e interessante, para ler. Pode ser seu quarto, um canto da sala, uma cadeira na varanda, um quintal arborizado, um parque, uma praça.

Leia com todos os sentidos. Um texto permite tudo. Veja. Sinta. Toque. Morda. Rasgue. Ouça. Cheire. Coma. Comer ideias raramente dá indigestão.

Leia aos poucos. Como pedem a sua fome e sua sede. Quando o coração estiver frio, leia versos que estiquem suas fibras. Quando o coração estiver aquecido, leia tudo.

Planeje-se como leitor. Faça o seu caminho. Da escolha à decisão de encerrar a leitura.

Desconfie dessa conversa que ler é um remédio para muitos males. Não acredite... mas, no fundo, bem lá no fundo... Isso é verdade. (Instituto C&A, 2007, p. 109) ◀

Capítulo 3

○ tempo na Sala de Leitura
e a felicidade de ser leitor

O tempo na Sala de Leitura e a felicidade de ser leitor

*Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo...*

CAETANO VELOSO, “ORAÇÃO AO TEMPO”

A organização do tempo em Sala de Leitura não é uma tarefa fácil, nem algo que se consiga por meio de improvisos e sem uma intencionalidade clara do que se pretende alcançar. Planejar bem a organização do tempo é fundamental para que nossos alunos adentrem no território íntimo da leitura, estabelecendo vínculos estreitos com a cultura literária e com a leitura como um todo.

Uma boa alternativa para se colocar a gestão do tempo a favor das experiências de leitura dos alunos nos é apresentada por Délia Lerner, em seu livro *Ler e escrever na unidade escolar: o real, o possível e o necessário*, em que trata do conceito de MODALIDADES ORGANIZATIVAS. A distribuição do tempo é condição essencial a todo trabalho pedagógico e não se reduz à divisão dos horários, como ressalta Lerner (2002, p. 87):

Quando se opta por apresentar os objetos de estudo em toda a sua complexidade e por reconhecer que a aprendizagem progride através de sucessivas reorganizações do conhecimento, o problema da distribuição do tempo deixa de ser quantitativo: não se trata somente de aumentar o tempo ou de reduzir

os conteúdos, trata-se de produzir uma mudança qualitativa na utilização do tempo didático.

A mudança qualitativa à qual a autora se refere apoia-se necessariamente na clareza acerca das aprendizagens e saberes que se pretende. No caso da Sala de Leitura, a relação com a cultura literária é a chave para o refinamento da competência leitora dos alunos, e essa competência dependerá da qualidade das experiências que esses alunos vivenciarão.

O esforço de organizar didaticamente o trabalho pedagógico, planejando melhor o uso do tempo, é compensado pelo deslocamento que ele provoca: o foco do POSL e o do bibliotecário passam a ser os objetivos a ser atingidos, e não mais as atividades, que muitas vezes acabam não contribuindo para o desenvolvimento do gosto pela leitura, ajudando apenas a preencher o tempo na Sala de Leitura. Em vez de centrarmos nossa energia na procura das “boas atividades” a serem oferecidas, a lógica passa a ser outra: o trabalho na Sala de Leitura deve promover o prazer e a fruição da leitura da literatura, norteando a elaboração de boas situações de aprendizagem para a experiência de se tornar leitor. A organização do trabalho passa a ser regida pelo objetivo ao qual se subordinam as atividades que não têm um fim em si mesmas.

As modalidades organizativas e a Sala de Leitura

As modalidades organizativas favorecem a criação de contextos nos quais a leitura ganha sentido e ocorre em toda a sua complexidade. Seus diversos aspectos se articulam ao se orientar para a realização de um propósito.

As modalidades organizativas que possibilitam a gestão tempo em sala de aula, definidas por Lerner, são as seguintes:

Atividades habituais ou permanentes

São aquelas que acontecem com regularidade (uma vez por semana, uma

vez a cada quinzena, uma vez por mês), desenvolvidas sistematicamente no decorrer do ano. Essa modalidade visa aprendizagens que só serão construídas se os alunos tiverem maior tempo de investimento nesse tipo de experiência, já que comportamento leitor não é algo que se desenvolve da noite para o dia. A Sala de Leitura é o lócus privilegiado para que os alunos se tornem leitores experientes, razão pela qual é preciso oferecer-lhes muitas oportunidades para que se tornem leitores autônomos.

As atividades permanentes têm a função de compartilhar com os alunos as ações e os procedimentos que são valorizados pelo professor. Assim sendo, é fundamental que o POSL seja um leitor assíduo e divida sua experiência leitora com seus alunos. O preparo anterior da leitura que será feita em voz alta, seus comentários sobre a obra, o autor, as relações e os sentidos atribuídos à leitura devem tornar-se práticas recorrentes – são todos comportamentos leitores que os alunos precisam aprender para se tornar leitores fluentes e autônomos.

Quais seriam as atividades permanentes fundamentais da Sala de Leitura? São aquelas que revelam a identidade da Sala de Leitura: Clube de Leitura, empréstimo e leitura pelo professor.

Projetos

Os projetos se constituem por meio de uma sequência de ações planejadas a partir de um propósito claro que se pretende alcançar. O desenvolvimento de um projeto na Sala de Leitura promove a articulação de diferentes procedimentos que não se restringem somente à leitura, mas também à pesquisa, à troca de impressões e informações, à sistematização e socialização dos conhecimentos construídos, visando a realização de um propósito comum ou, como costumamos dizer, um produto final.

Um ponto importante a ser garantido pelo professor é compartilhar com a classe os objetivos do projeto, a organização de suas etapas, o cronograma previsto e o produto final. Quando o objetivo é compartilhado, o protagonismo dos alunos na construção do projeto garante seu envolvimento e participação.

O termo “produto” não deve ser levado ao pé da letra, seja na Sala de Leitura ou na Biblioteca. Isto é, não se trata de algo necessariamente concreto, mas que evidencie as experiências de leitura que os alunos construíram no decorrer do projeto. A título de exemplo, a organização de um sarau de poesias, de leitura dramática de textos teatrais ou de leitura de cordéis pode se configurar como um bom projeto, como realizado pela POSL Lucineide Vieira, da EMEF “Cecília Vasconcellos”.



Vitrine pedagógica



O primeiro sarau da Sala de Leitura

Há tempos, a professora Lucineide Vieira e sua colega Clea Aparecida de Souza, da EMEF “Cecília Vasconcellos”, desejavam realizar um projeto de sarau para a Sala de Leitura de sua unidade.

De início, elas fizeram uma pesquisa com os alunos sobre o que seria a atividade, ainda desconhecida da maioria dos seus alunos, e chegaram à seguinte definição: “Sarau é uma reunião de pessoas dispostas a festejar a literatura, através de leitura de histórias, de recitação de poemas, quadras, parlendas e de apresentações musicais”.

Com a definição muito bem compreendida por todos, as POSLs partiram para a próxima etapa: escolheram o tema do sarau e deram um nome a ele, “Sarau Folclórico”, por ter como tema o folclore e a cultura popular brasileira.

Durante as aulas na Sala de Leitura, as turmas envolvidas no projeto decidiram que tipo de texto gostariam de apresentar no sarau. Houve quem preferisse as quadras, os trava-línguas, cantigas, contos, parlendas e poemas que tratassem de lendas e mitos do folclore.

As POSLs fizeram uma pré-escolha dos livros e disponibilizaram os títulos para que os alunos escolhessem o que gostariam de apresentar. Com as escolhas

feitas, elas partiram para a próxima etapa: leituras seguidas de ensaios. Muitos ensaios! Até que os alunos estivessem prontos para compartilhar os textos escolhidos, numa grande festa literária.

Nesse trajeto, não faltaram referências teóricas e literárias para embasar o trabalho. Ao comentar a esse respeito, a professora Lucineide escreveu: “Ricardo Azevedo, Jackson do Pandeiro, Luciana Garcia, Sônia Travassos, Monteiro Lobato e Mario Bag nos inspiraram com seus textos e foram os responsáveis pelo embasamento teórico de nossa atividade”.

Antes do grande dia, a Sala de Leitura ganhou uma decoração especial e os alunos também prepararam acessórios e roupas, de acordo com o texto que apresentariam. No dia 5 de setembro de 2011, as turmas envolvidas no projeto Sarau pararam para assistir à seguinte programação, cuidadosamente planejada pelas professoras e seus alunos, para que nada atrapalhasse a festa literária preparada durante todo o mês de agosto.

Manhã

1º ano A – Parlenda: Cadê o toucinho (Ricardo Azevedo)

4º ano A – Poema: Curupira (Mario Bag)

3º ano C – Parlenda: Hoje é sábado (Ricardo Azevedo)

4º ano C – Poema: Saci-Pererê (Mario Bag)

7º e 6º anos – Cantiga: Tum tum tum (Jackson do Pandeiro)

Tarde

4º ano F – Cantiga: Você sabe o que é folclore (Domínio público)

2º ano A – Poema: O curupira (Mario Bag)

1º ano E – Parlenda: Cadê o toucinho (Ricardo Azevedo)

2º ano B – Poema: A mula sem cabeça (Mario Bag)

1º ano D – Cantiga: O galo e a galinha (Domínio público)

4º ano E – Poema: O Saci-Pererê (Mario Bag)

2º ano C – Parlenda: Cadê o toucinho e a lenda do curupira

7º e 6º anos – Cantiga: tum tum tum (Jackson do Pandeiro)

Sequências didáticas

A sequência didática pode ser entendida como um conjunto de propostas articuladas, em que cada atividade depende da anterior. A sequência didática tem duração mais limitada que o projeto, o que possibilita trabalhar diferentes sequências no decorrer de um ano letivo. Sua diferença em relação ao projeto é que não está organizada em torno de uma produção específica.

O trabalho com sequências didáticas na Sala de Leitura pode envolver murais de leitura com indicações de novas obras, resenhas de livros, sessões compartilhadas do Clube de Leitura e muitas outras ações que garantam o sentido principal desse ambiente, ao mesmo tempo em que evidenciem os avanços dos alunos em suas experiências leitoras.

O planejamento de uma sequência didática deve articular atividades que vão apresentando graus de dificuldades crescentes, em que cada passo permita a realização do próximo. A clareza no objetivo da sequência, assim como no projeto, é fundamental para que se possa articular as atividades em função do alcance desse objetivo. As sequências podem contribuir para o alcance de diferentes objetivos didáticos relacionados à leitura como: “[...] comunicar o sentido e o prazer de ler para conhecer outros mundos possíveis, desenvolver habilidades dos alunos em apreciar a qualidade literária (ou detectar sua ausência), formar critérios de seleção do material a ser lido, gerar comportamentos leitores etc.” (Lerner, 2002, p. 89).

As sequências didáticas também permitem alternância do trabalho com diferentes gêneros textuais e temas, como proposto pelas Orientações Curriculares. O trabalho com diferentes gêneros textuais pode ser organizado por meio de sequências didáticas bem estruturadas, garantindo um bom resultado na diversidade do trabalho em Sala de Leitura.

Como planejar uma boa sequência didática?

Planejar uma boa sequência didática requer cuidados. É necessário:

1. Ter objetivos claros do que se pretende desenvolver, mantendo o foco sempre na multiplicidade de experiências leitoras.

2. Conhecer previamente as obras do acervo do gênero selecionado.
3. Estudar e/ou recordar as características do gênero que será abordado.
4. Complementar e enriquecer essas informações com livros, jornais, revistas e sites.
5. Conhecer bem o grupo a que se destina a sequência: experiências anteriores e percurso leitor dos estudantes. Não deixe de fazer um levantamento do conhecimento prévio dos alunos acerca do gênero que será trabalhado. ◀



Vitrine pedagógica



EMEF "MAURO FACCIO GONÇALVES ZACARIA"

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: **CLÁSSICOS DA LITERATURA**

PROFESSORA ORIENTADORA DE SALA DE LEITURA: **MARIA DO SOCORRO LACERDA**

PÚBLICO-ALVO: **ALUNOS DO 5º ANO**

Duração: Seis semanas

Ano: 5º ano

Objetivos: incentivar a leitura de clássicos da literatura, bem como a apreciação de várias versões da mesma história.

Conteúdos: Leitura, compreensão de texto, tempo e espaço (linha de tempo), produção de esquema e cartazes.

Materiais:

- edições diversas do livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, filme O incrível exército de Brancaleone;
- resultado de pesquisas feitas na internet;
- papéis diversos e revistas.

Planejamento da 1ª semana

Manuseio e exploração de diversas edições do livro Dom Quixote. Conversa sobre o livro: por quem, quando e onde foi escrito.

Leitura do artigo da revista Ciência Hoje das Crianças (“Dom Quixote faz aniversário!”, por Francisco Carral, Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, 26/12/2005).

Como foi...

Ao manusear os livros, era visível a admiração dos alunos em relação à quantidade de versões para uma mesma história. Essa admiração os levou a buscar informações em vários exemplares, identificando de quem era a tradução, as ilustrações e o ano da edição. Foi muito bom saber que eles buscaram essas informações, pois tento colocar durante as aulas a importância de ler a capa antes da leitura do livro como um todo.

Planejamento da 2ª semana

Leitura dramática do capítulo “A batalha dos moinhos de vento” (Dom Quixote. Tradução de Orígenes Lessa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006).

Discussão sobre o principal personagem.

Como foi...

A partir da leitura deste capítulo, já foi se delineando o estranhamento em relação às atitudes do personagem. Com a leitura dramática (feita por três alunos), a entonação dada em cada fala levou-os a imaginar um personagem que vagueia entre a “maluquice e a realidade”, como eles mesmos colocaram.

Foi uma discussão bastante rica, que me deixou muito satisfeita, principalmente pela maneira curiosa como começaram a pegar emprestado os livros (consegui vinte exemplares de diversas edições, e os livros foram passados de um para outro para leitura fora da unidade escolar).

Planejamento da 3ª semana

Exibição do filme O incrível exército de Brancaleone (Itália, 1965). Direção: Mário Monicelli. Elenco: Vittorio Gassman, Gian Maria Volonté, Catherine Spaak. 90 minutos. Look Filmes.

Para a exibição do filme, e devido à sua duração, negocie com outra professora o horário de sua aula, o que foi prontamente acordado.

Como foi...

Ao sair da seção, os comentários foram muito diferentes uns dos outros: risadas, espanto, estranhamento.

Planejamento da 4ª semana

Discussão sobre o filme e o livro que leram, promovendo uma comparação entre os personagens, suas loucuras, devaneios, sonhos, conquistas e, principalmente, determinação.

Como foi...

As opiniões já foram sendo colocadas com mais propriedade, pois já tinham lido o livro e assistido ao filme. Embora o filme não seja uma versão de Dom Quixote, o roteiro se assemelha e o contexto é o mesmo, sendo possível uma comparação sem anacronismo.

Planejamento da 5ª semana

Leitura coletiva do livro Dom Quixote em cordel, por J. Borges. Brasília: Editora LGE, 2005.

Como foi...

Antes da leitura, fizemos uma breve discussão quanto ao tipo de texto ali apresentado (cordel): o que o identifica? Como é chamada a técnica para confecção das capas desses folhetos? Conhecem algum cordelista? Já leram esse gênero?

Muitos dos alunos, devido às suas origens, já haviam lido cordel e se identificavam com o gênero. O texto relativamente curto, as rimas e quase sempre a forma bem-humorada com que as histórias são contadas facilitam a leitura mesmo para aqueles que não leem com fluência.

Planejamento da 6ª semana

Escrevi as frases e expressões das várias versões lidas em tiras de papel. Disponibilizei cartolina, lápis e canetões e sugeri que organizassem as informações de acordo com o Dom Quixote na versão de J. Borges e o mesmo livro nas diversas versões que leram.

Como foi...

No final da aula, tínhamos dois cartazes, que foram colocados um ao lado do outro. A partir dos mesmos, pudemos fazer uma comparação entre as semelhanças e diferenças ali existentes. Promovemos um rico debate em relação à importância de ler um clássico da literatura, o que se pode aprender, descobrir, se divertir e enriquecer o vocabulário de quem lê e de quem troca impressões a partir de uma mesma leitura.

Por fim...

O envolvimento dos alunos a cada aula, a cada encontro e a cada atividade desenvolvida foi muito intenso. Descobertas foram sendo feitas e novas leituras foram propostas, novos clássicos indicados e uma enorme euforia pela leitura como forma de efetivar a relação entre a turma e, principalmente, de transformar a Sala de Leitura em um espaço em que leitura e prazer podem e devem andar de mãos dadas com o conhecimento e a aprendizagem.

Por que este é um bom exemplo de sequência de atividades?

- A sequência foi planejada por meio de um conjunto articulado de atividades bem distribuídas num período de tempo.
- A professora considera o uso de diferentes suportes – artigo, livro e filme.

- Aproxima um clássico da turma de alunos, levando em conta o interesse e as relações que os alunos podem fazer com a obra lida.

Situações ocasionais

Muitas vezes, no decorrer do trabalho, os professores descobrem novos textos ou livros que merecem ser compartilhados com os alunos. Mesmo que o gênero não tenha uma correspondência direta com o trabalho que se esteja desenvolvendo, nada impede que o professor compartilhe sua descoberta. Lerner ressalta que “não teria sentido nem renunciar a ler os textos em questão porque não têm relação com o que está se fazendo, nem inventar uma relação inexistente” (2002, p. 90). Se a sua leitura permite trabalhar algo significativo com os alunos, a opção por uma atividade ocasional se justifica.

Ao definirmos as modalidades organizativas que serão contempladas na rotina da Sala de Leitura, estamos produzindo uma alteração qualitativa na gestão do tempo, já que dessa forma possibilitamos o trabalho com diferentes situações didáticas com durações variadas que vão se alternando.

Tais alternâncias favorecem o intercruzamento, em diferentes etapas do trabalho, dos aspectos que precisam ser retomados e vão se complexificando no decorrer do ano em virtude das novas situações de aprendizagem que ocorrem e das novas leituras realizadas. Assim as experiências leitoras vão ganhando cada vez mais espaço.

As modalidades organizativas apresentadas aqui foram explicitadas uma a uma por motivo didático. Porém elas não existem isoladamente. Podemos desenvolver uma sequência didática da qual fazem parte atividades permanentes, ou podemos desenvolver uma das atividades permanentes previstas (como a leitura em voz alta de um texto) em nossa rotina e ali inserir uma atividade ocasional (a leitura de uma crônica interessante de jornal ou revista descoberta naquele dia ou semana). O mais importante é a clareza do POSL acerca do que pretende que seus alunos aprendam, quando está propondo essa ou aquela atividade. ◀



Organizando a rotina da Sala de Leitura no mês

Não podemos esquecer que o planejamento deve concretizar o plano de trabalho e os objetivos que se buscam alcançar com cada uma das turmas. É importante planejar o tempo da Sala de Leitura proporcionando diferentes atividades em cada aula. Vale salientar que as situações de sistematização existem sempre em função das demais modalidades organizativas.

Procure preencher mensalmente um quadro de planejamento. Aqui está uma sugestão:

Atividades	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana	5ª semana
Leitura feita pelo professor					
Empréstimo de livros					
Roda de leitura					
Leitura íntima					
Sequência didática					
Projeto					
Atividade ocasional					
Clube de Leitura					
Orientação à pesquisa					

Como organizar os 45 minutos de aula a favor das experiências de leitura?

Já que o tempo destinado ao trabalho na Sala de Leitura é restrito em função de tantas propostas que queremos desenvolver, faz-se necessário um planejamento bem estruturado nesse sentido. É de fundamental importância que o tempo seja planejado e usado a favor da promoção de experiências de leitura que se pretende garantir.

Por isso, é essencial evitar que atividades não relacionadas ao trabalho com leitura ocupem a aula. A pergunta para nos ajudar a decidir se uma atividade é ou não adequada à Sala de Leitura é: esta atividade pode promover uma boa experiência leitora para os alunos?

Justamente pelo fato de o tempo ser escasso, ter clareza do que se pretende e manter o foco no trabalho com a leitura nos ajudam na escolha e definição de boas situações de aprendizagem na Sala de Leitura. Ao improvisarmos o trabalho, frequentemente acabamos investindo um tempo precioso em atividades como jogos, vídeos e músicas, dinâmicas que não têm relação com a experiência leitora.

É necessário ter muita clareza e organização a fim de otimizar o tempo de que se dispõe. Organizar previamente a sala em função do que se pretende desenvolver com cada turma, separar os livros que serão utilizados, agilizar o sistema de empréstimo são ações que ajudam a ganhar tempo. É preciso evitar improvisos que fazem com que o tempo didático escoe sem cumprir sua função: ampliar as aprendizagens leitoras dos alunos.

Como anda a rotina na Sala de Leitura?

É importante que algumas atividades façam parte da rotina do trabalho realizado na Sala de Leitura de forma sistemática, como atividades permanentes, lembrando que a frequência delas pode ser flexível. Por exemplo: empréstimo de livros quinzenalmente, roda de leitura semanal, Clube de Leitura, que inclui escolha de livros, leitura silenciosa, comentários das obras lidas.

O dia a dia na Sala de Leitura

Sugerimos que o professor preencha uma tabela em função daquilo que pretende trabalhar diariamente.

Os minutos iniciais de acolhida devem ser planejados. Ao longo da formação, discutimos algumas alternativas que podem fazer parte desse momento. Que tal receber os alunos com um varal de poesias ou cordel? Ou com uma leitura previamente preparada e escolhida em função do grupo, adequada àquela faixa etária? Preparar murais com biografias e obras de autores? Oferecer filipetas com trechos interessantes de livros? Estas são algumas sugestões. O importante é que os alunos sintam-se verdadeiramente acolhidos nos ambientes de leitura.

Nos cinco minutos finais, também é importante garantir um “ritual” de despedida para que os alunos deixem a Sala de Leitura com o desejo de voltar. Entre outras coisas, você pode fazer um balanço a respeito do que estava combinado para a aula e até onde conseguiram chegar; incluir as impressões dos alunos sobre a aula; perguntar a atividade preferida do dia e até mesmo encerrar a aula dando algumas dicas que criem suspense sobre o próximo encontro com a turma.

Qual a importância do registro da rotina da Sala de Leitura?

Segundo Madalena Freire (2001), o registro permite romper a anestesia de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga a pensar

Os registros são de fundamental importância na reflexão sobre a prática pedagógica, sendo um instrumento necessário ao aprimoramento profissional, já que recupera a dimensão intelectual do trabalho docente.

Uma coisa é afirmar a importância dos registros para uma prática verdadeiramente reflexiva; outra é produzir registros que exijam de nós uma análise cuidadosa da prática pedagógica a favor da garantia de formação de leitores. ◀



Os registros reflexivos nos ajudam a revisitar as práticas empreendidas visando potencializar o que está dando certo e/ou reestruturar o que não ocorreu conforme o esperado, como evidencia o registro da POSL Maria Vilani Feitosa da EMEF “Professora Vera Lúcia Aparecida Ribeiro”, em setembro de 2011:

Demorei em escolher o grupo de alunos que iniciaria o nosso Clube de Leitura, pois a cada grupo que era mencionado inúmeras dificuldades eram elencadas, mas finalmente consegui eleger o 2º Ano – C II – Turma B (6º Ano).

São alunos que ainda apresentam dificuldades de realizar leituras de forma autônoma, mas demonstram interesse e geralmente se envolvem nas atividades propostas.

Iniciamos formando trios. Escolhi três alunos que apresentam mais facilidade nas leituras e solicitei que cada um escolhesse dois amigos para compor o grupo.

Como a professora de Língua Portuguesa estava trabalhando com o gênero fábulas, sugeri que começássemos o Clube de Leitura com algumas fábulas que seriam escolhidas pelos alunos. Coloquei à disposição vários livros e eles selecionaram as seguintes:

1. O rato do campo e o rato da cidade;
2. A raposa e a cegonha;
3. A assembleia dos ratinhos.

Combinamos que eles tentariam fazer a leitura das fábulas em casa e que no próximo encontro poderíamos esclarecer as dúvidas, se houvesse.

No encontro seguinte, eles se reuniram nos devidos agrupamentos e circulei pela sala, verificando se precisavam de meu apoio para a leitura e esclarecimentos de dúvidas, explicando o significado e sinalizando palavras desconhecidas, orientando-os a ler, mesmo sem conhecer algumas palavras. Fiz isso porque percebi que alguns alunos ficavam me esperando para sanar as dúvidas.



Capítulo 4

① empréstimo de livros:
garantia do direito de ler

O empréstimo de livros: garantia do direito de ler

Uma biblioteca ou uma coleção de livros exerce um papel essencial no interior de uma população marginalizada [...]. Muito além do fornecimento de informação ou de um apoio à educação formal. Para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais, ou de condições mínimas de vida, um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o outro lado.

BEATRIZ H. ROBLEDO.

PALESTRA “JOVENS, LEITURA E LITERATURA”,
SEMINÁRIO LEITURA AO PÉ DA PÁGINA, 18/10/2011

O empréstimo regular de livros, seja promovido pela Sala de Leitura ou pela Biblioteca, contribui decisivamente para a formação de leitores. Ao realizar o empréstimo, o POSL ou o bibliotecário possibilita que os alunos ampliem seu contato com a leitura da literatura e elaborem sistemas conceituais com os quais podem se situar criticamente diante das obras lidas.

Poder levar o livro para ler em casa permite que o aluno leia de acordo com seu ritmo e competência, descubra novos títulos, gêneros e autores. Muitas vezes, o livro emprestado “contagia” os familiares e amigos, despertando também neles comportamentos leitores. Por isso, é fundamental que o POSL ou o bibliotecário valorize o empréstimo, lembrando que a leitura, sempre que possível, deve ser compartilhada pela família. Uma boa ideia é convidar os pais e amigos dos alunos a fazerem uso do acervo da Sala de Leitura e da Biblioteca.

Você já pensou em fazer algo assim?

É importante lembrar ainda que o empréstimo regular de livros desenvolve atitudes e procedimentos pertinentes aos “verdadeiros leitores”: responsabilidade, cuidado e ampliação dos critérios de seleção da obra a ser emprestada, além de garantir o direito à leitura.

O empréstimo: alcances e modos de organizar

O leitor é um pescador. O leitor lê como o pescador pesca. É solitário imóvel, silencioso, atento ou meditativo, mais ou menos hábil ou inspirado. [...] O pescador é também membro de um clube ou associação no qual assegura o secretariado ou assume a presidência. Seguramente gosta de discutir acerca de seu material e contar histórias de pescador a seus amigos [...]. Coleciona anzóis de pescar, ensina seu filho, desde a mais tenra idade, a pescar e gosta de ganhar de presente, em seu aniversário ou no Natal, livros sobre pesca ecológica em água doce [...]. (Privat, 2001, p. 54)

Na formação desse futuro leitor-pescador, o acervo da Sala de Leitura e da Biblioteca cumprem um importante papel. Para auxiliar na mediação acervo/aluno, o responsável por esses espaços deve planejar atividades de fomento ao empréstimo em sua rotina diária, mensal e semestral.

À Sala de Leitura cabe o papel de promover o prazer e a fruição da leitura da literatura, possibilitando aos alunos escolher o que querem ler. Mas, para escolher, é preciso conhecer. Por essa razão, o POSL e o bibliotecário devem e podem realizar diversas ações no sentido de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos, principalmente daqueles que dizem não gostar de ler ou que nunca fazem empréstimos de livros. Por exemplo: mostrar e comentar alguns livros adequados à faixa etária; apresentar gêneros que possam interessá-los; ler um trecho instigante de determinada obra; incentivar os alunos a explorarem as estantes buscando algo do seu interesse, entre outras alternativas.

Por meio de uma roda de leitura, por exemplo, pode-se apresentar determinado gênero ou autor que se pretende trabalhar. Na roda, o papel do professor é o de interlocutor e mediador, na medida em que levanta questões, traz à luz aspectos sobre a obra que não foram abordados e faz comentários a respeito dos temas tratados, despertando nos alunos o interesse pelo empréstimo de determinados livros.

Não só o professor, mas os alunos também exercem o papel de mediadores de leituras quando auxiliam os colegas nas escolhas de novos títulos, quando ressaltam um aspecto apontado por alguém sobre uma obra que comentou, leu etc. Assim, pouco a pouco, forma-se uma comunidade de leitores, que utilizam uma grande gama de comportamentos leitores, socializando-os com o grupo. É o que acontece sobretudo no Clube de Leitura, que, aliás, é também uma ação de fomento ao empréstimo de livros.

Clube de Leitura e empréstimo: ações indissociáveis

Não é possível instituir o Clube de Leitura sem que se garanta aos alunos acesso aos livros. Para tanto, o empréstimo de livros deve ser uma atividade permanente no planejamento.



Vitrine pedagógica



Leia o depoimento da professora Lúcia Ramalho Nunes Munis, da EMEF “Elias Shammass”.

Achei muito positivo o resultado do trabalho desenvolvido pelo curso da Plural. As novas ideias adquiridas através desta formação, conciliadas ao trabalho com crônicas e jornal, fez aumentar consideravelmente o número de empréstimos dos livros deste gênero. Foram ótimas as abordagens dos alunos ao comentarem suas leituras com os colegas. Em todas os anos era perceptível a troca dos livros entre os alunos, com dicas de

Alguns procedimentos para o empréstimo

Há diversas formas para realizar o empréstimo de livros:

- Algumas Salas de Leitura adotam o sistema de fichas do aluno e do livro. Na ficha do livro, são anotados a data em que o livro foi emprestado e o nome de quem o levou. Na ficha do aluno, registra-se a data em que o livro deve ser devolvido. De modo geral, o prazo de leitura é de quinze dias. Os cartões são arquivados em uma caixinha por ordem alfabética dos títulos emprestados.
 - Outras fazem uso de filipetas nas quais são anotados o nome do livro, o nome do aluno e o ano em que estuda. Todas as filipetas de cada classe são grampeadas juntas e guardadas numa pasta. À medida que o livro é devolvido, a filipeta é dobrada. Assim, o POSL ou o bibliotecário sabe quais os alunos que ainda não devolveram seus livros pelas filipetas que não estão dobradas.
 - Outros ainda utilizam um caderno que fica disponível para toda a turma, com os devidos espaços informativos a serem preenchidos, contando com boa dose de cooperação e autonomia. Durante a sessão do Clube, cada aluno registra no espaço do caderno o seu nome e o do livro que levou.
 - Há os bem antenados que já fazem todo o seu controle de empréstimo de livros por meio de um programa no computador.
 - Há os que compartilham essa tarefa de organização e controle com alguns alunos escolhidos e preparados como monitores dessa tarefa. Muitos dizem que dá certo.
 - Além dessas, há outras possibilidades nessa boa empreitada de empréstimo de livros: há os que definem o “dia de empréstimo”. Outros têm um combinado com os demais profissionais da unidade. Todos em favor da leitura! E você, como organiza o empréstimo? ◀
-



O desafio de organizar empréstimos

EMEF "HEITOR DE ANDRADE"

PROFESSORA ORIENTADORA DE SALA DE LEITURA: ELAINE SALINAS

Desde que me tornei POSL, há quatro anos, organizar os empréstimos sempre foi um desafio. Ao assumir a sala, havia uma pasta-catálogo com folhas avulsas onde eram marcados os nomes dos alunos e o ano. Nos dois primeiros anos, fiz cadernos, mas agora, querendo economizar tempo na escrita do nome dos alunos e aproveitando a própria folha usada para chamada, encadernei folhas de empréstimos em duas turmas. Alunos de 5º ao 8º e 1º ao 4º ano. Na frente do nome do aluno, marcamos o número de tombo ou o título (porque às vezes encontro livros sem tombar). E apenas riscamos na entrega.

Já havia pensado em um sistema que contemplasse datas de pedidos e devolução. Mas uma planilha dessas ganha espaço físico na folha e também demora mais para marcar... Já que o empréstimo tem sido quase que semanal nos dez últimos finais de cada aula, não convém perder nem tempo nem espaço para marcar os livros emprestados.

Por que essa é uma boa experiência?

A planilha faz uso de um recurso já existente: a folha usada para chamada. Possibilita agilizar o empréstimo e garante, na medida do possível, a autonomia do aluno.

É possível qualificar a escolha dos livros?

Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular. (Zilberman, 2005, p. 9)

Antes de entrarmos propriamente no tema relativo à escolha dos livros, é preciso tratar de um assunto anterior, que vai sustentar as boas escolhas dos alunos: a presença de bons livros nos ambientes de leitura.

Mas como definir um bom livro de literatura? Segundo Regina Zilberman, um termômetro para “medir” a qualidade de um livro é o quanto ele agrada ou marca seus leitores, o quanto sua leitura é relevante, fazendo pensar sobre a vida, sobre o mundo em que se inserem.

Um bom livro de literatura instiga a imaginação, faz sonhar, traz novas visões de mundo, produz identificações do leitor com os personagens de sua história.

Com respeito à literatura infantil e juvenil, um bom livro é aquele que foi escrito para ser apreciado por qualquer leitor, e não destinado apenas às crianças e ao jovem. Simplesmente porque é literatura e fala da vida, do mundo. Esse pode ser um critério para avaliarmos a qualidade da literatura.

Outro elemento muito importante que garante a qualidade do livro de literatura infantil são suas ilustrações. Atentar para a beleza das imagens, para o diálogo que estabelecem com o texto e para o projeto gráfico como um todo constituem parte importante da escolha de um bom livro.

Ter contato com diferentes livros, gêneros e estilos norteia o leitor quanto às suas escolhas futuras. Também é fundamental que o leitor mais experiente – nesse caso, o professor ou bibliotecário – possa esclarecer os alunos quanto aos seus próprios critérios de escolha dos livros que lê ou indica. O que o levou a fazer aquela escolha? Por que pensou naquele livros para aqueles leitores? Que relações fez para chegar àquela escolha? O que aquela obra o fez pensar?

O ambiente leitor contribui para boas escolhas literárias

Há várias possibilidades de organização de um ambiente leitor para qualificar a escolha do livro. Pode-se, por exemplo:

- Organizar o tapete de livros utilizando, a cada vez, um critério diferente: títulos de um mesmo gênero; sobre determinado tema; de um mesmo autor; ou outros, de acordo com o que se pretende trabalhar.

- Selecionar do acervo diversos títulos, distribuindo-os nas várias mesas. Dar um tempo para que os alunos percorram as mesas examinando cada livro, lendo as orelhas, a introdução, observando as ilustrações para depois escolher aquele que desejam levar emprestado.
- Utilizar os comentários e as recomendações sobre os livros lidos no Clube de Leitura, expondo-os em lugar de destaque: mural, painel, varal, vitrine, entre outros.
- Organizar a turma em pequenos grupos e pedir que encontrem livremente nas estantes o livro que desejam ler. Neste caso, as estantes da Sala de Leitura devem estar organizadas de forma que os alunos possam explorar e escolher o que desejam ler.
- Consultar catálogos de editoras que oferecem resenhas de livros. Escolher os livros que estão no acervo de sua unidade, recortar as informações sobre essas obras, transformá-las em filipetas e disponibilizá-las para consulta dos alunos é uma estratégia interessante para favorecer boas escolhas.
- Convidar alunos dos anos finais do Ciclo II a colaborar na disposição dos livros nas estantes, orientando-os sobre os critérios da organização do acervo. Essa estratégia, além de auxiliar o trabalho do POSL ou do bibliotecário, vai possibilitar que os alunos explorem melhor o acervo da unidade.
- Expor as novidades literárias em lugar de destaque, com as capas dos livros voltadas para a frente, de forma que todos possam conhecê-las e manuseá-las, antes de disponibilizá-las para empréstimo.
- Selecionar resenhas de livros de acordo com o interesse dos seus alunos. Leia coletivamente, comente, publique no mural. As resenhas podem ser encontradas em jornais, suplementos, revistas ou *sites*. ◀



E se fosse assim?



No decorrer das visitas realizadas nas unidades, presenciamos boas práticas de organização do espaço para incrementar o empréstimo de livros. Conheça alguma delas.

Um novo momento, um outro arranjo

A POSL Olga Pacelli Adriano, da EMEF “Sargento Antônio Alves da Silva”, achou importante criar mais um momento dedicado ao empréstimo de livros. No início de cada período letivo, uma vez por semana, a primeira aula é destinada ao empréstimo, o que possibilita, por exemplo, que os alunos da turma da manhã passem para pegar livros na Sala de Leitura. Para tanto, Olga investe na arrumação do espaço. Nas mesas centrais, coloca livros previamente escolhidos por temas ou por interesse dos alunos. Quando chega um aluno interessado naqueles livros separados pela professora, ela está pronta para fazer um comentário que o incentive a ler. As estantes também estão arrumadas por temas, gêneros e autores. E as crianças já sabem direitinho aonde ir. Quando os alunos pedem uma dica à professora, ela os leva para a estante em que aquele livro está, aproveita e comenta sobre os outros que estão próximos, dando informações sobre aquela estante. Isso vai criando a autonomia do aluno em relação ao espaço, tanto pela forma como está organizado quanto pelas ações da POSL, que promove uma relação do aluno com o ambiente.

O aluno que passeia pelas estantes pode ficar mais apto a escolher o livro

Destinar um momento para o empréstimo, talvez até fora do horário de aula, pode fazer com que os alunos busquem um livro com mais calma. Quantas vezes não ficamos horas em livrarias ou bibliotecas “xeretando” e procurando um livro? Olhando a capa, folheando e lendo trechos até que nos decidimos por um exemplar?

Este é um comportamento leitor muito importante: considerar todos os aspectos que envolvem a escolha pessoal do livro, o que nos convoca para aquela leitura, o que nos atrai e desperta interesse. Para tanto, um passeio pelas estantes pode fazer a diferença. Além de conhecer mais o acervo em toda a sua diversidade, este ato tão simples, acompanhado de conversas entre o POSL, o bibliotecário e os alunos, pode fazer a diferença na hora da escolha.

Torres de livros

Mesas com “torres de livros”, como aquelas que vemos em livrarias e que tanto atraem os leitores, que podem folhear um livro, deixá-lo, pegar outro, voltar ao primeiro...

Por ter trabalhado em uma livraria, o POSL Pedro Canello, da EMEF “Prof. Paulo Freire”, conta que utiliza muito essa estratégia. É uma forma de convidar todos os alunos a escolher um livro para levar para casa.

Ouvir outro leitor é convite para novos empréstimos

Muitas vezes, essa saudável troca entre leitores acontece de forma espontânea, em especial em ambientes de leitura, em que os alunos convivem com amigos, partilhando do mesmo gosto, interesse e assuntos. Cabe incentivo para que as trocas se ampliem. ◀



Vitrine pedagógica



1. Um leilão de livros

Luciane Jubilato e Raimunda Souza, da EMEF “Vicente de Paulo Dale Coutinho”, organizaram uma atividade de empréstimo dando dicas de leitura e incentivando trocas entre os leitores.

Num leilão, realizamos os empréstimos utilizando várias estratégias para a escolha de títulos.

A professora apresenta um título e discorre sobre o assunto. O lance do leilão é um desafio: o aluno que melhor argumentar por que quer levar o livro para casa, ganha! Na aula seguinte, o vencedor do lance comentará o livro e fará sua indicação.

Por que esta é uma boa experiência?

A prática promove uma saudável troca de opiniões entre leitores, garante a divulgação e a circulação do acervo, explicita critérios de escolhas dos livros.

2. Parceria entre professores

O empréstimo pode se beneficiar da parceria entre o POSL e outros professores, que também podem sugerir livros para as crianças emprestarem, com base em um tema ou assunto tratado em aula. Empréstimos podem acontecer em sala de aula, aproveitando o assunto em voga com os alunos. ◀



Vitrine pedagógica



Na EMEF “Prof^a. Eda Terezinha C. Medeiros”, veja como a POSL Neusa Ramos Ferraz organiza a atividade de empréstimo.

Uma caixa de livros pela unidade

Na nossa UE, o plano de metas é que o aluno leia mais de quatro livros por ano. Para isso, conto com a ajuda dos professores. No início de cada semestre, retiro da Sala de Leitura uma caixa com cerca de 35 livros e entrego aos professores, que fazem o empréstimo na sua aula uma vez por semana. Dessa forma, os livros circulam entre todos os alunos. No final do semestre, recolho os livros e troco por outros.

Na Sala de Leitura, também faço empréstimo a cada quinze dias; normalmente,

os alunos escolhem os livros que desejam levar, às vezes dou sugestões. Sempre que os alunos devolvem os livros, pergunto se gostaram da leitura, do que se trata e se eles recomendam aos outros; em geral os alunos procuram os livros que os colegas recomendam.

Por que esta é uma boa experiência?

A caixa de livros possibilita que o empréstimo vá além da Sala de Leitura. Envolve outros professores na promoção e na valorização da leitura pela escola. ◀



contos romance quadrinhos cordel novelas fantasia ficção terror

Capítulo 5

*Espaço ou
ambiente de leitura?*

Espaço ou ambiente de leitura?

Durante minha infância em Paris, tive a sorte de viver cercada de livros, poder fuçar livremente na biblioteca de meus pais e vê-los, dia após dia, com um livro nas mãos: todas essas coisas que, como sabemos hoje, são propícias para nos tornar leitores. Mas foi na América Latina que descobri as bibliotecas, em particular a de um instituto onde meu pai lecionava. Ainda me vejo então com catorze anos, em um prédio cuja arquitetura moderna me encantava, em meio a todos aqueles livros expostos, entre dois pátios. Na França, naquela época, as bibliotecas ainda eram sombrias, austeras, não se tinha livre acesso aos livros, elas pareciam dizer ao adolescente que ele não tinha nada que fazer ali – depois as coisas mudaram, felizmente. Por isso, para mim a América Latina sempre teve gosto de livros, de grandes janelas envidraçadas, de tijolos e plantas misturados. Um gosto de modernidade. De abertura para o novo.

PETIT, 2008, P. 15

O depoimento da antropóloga francesa evidencia a forma como o ambiente pode moldar a relação do leitor com os livros, especialmente os jovens. É curioso como a visão corrente que se tem das bibliotecas vai contra o espírito juvenil. Michèle Petit, quando adolescente, só descobriu as bibliotecas quando pôde perceber nelas um convite para o novo, uma abertura para descobertas.

A forma como organizamos a Sala de Leitura ou a Biblioteca pode instigar o leitor e matar sua sede de ler. E as ações do POSL ou do bibliotecário podem e devem estar presentes num ambiente convidativo à leitura. Em nossa realidade, muitos dos alunos chegam à escola sem um contato prévio com a leitura, o que reforça o dever de se garantir na escola o direito de se apropriar da cultura literária, possibilitando que eles vivenciem experiências como a citada por Michèle Petit.

Espaço ou ambiente?

Espaço e ambiente. Palavras comuns de nosso vocabulário e normalmente usadas de modo indistinto, fazendo referência a um lugar. Espaço e ambiente são, para muitos, palavras sinônimas. Será mesmo? Quando procuramos essas duas palavras no dicionário *Aurélio* (1986) encontramos definições próximas, porém com precisas e sutis diferenças. Para espaço, temos como uma de suas definições: “lugar mais ou menos bem delimitado, cuja área pode conter alguma coisa”. Para ambiente, encontramos entre uma de suas definições: “o conjunto de condições materiais e morais que envolve alguém; atmosfera”. E para ambiência, palavra vizinha, temos: “o espaço arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas”.

Pelas definições encontradas no dicionário, o espaço aponta mais para o aspecto físico; o ambiente abrange também a disposição dos materiais, as interações, as relações, o que acontece naquele espaço. O curioso é que um interfere no outro.

Quer ver como? Quando organizamos um espaço de leitura austero, com estantes altas e fora do alcance da maioria dos alunos, com uma organização a que só o bibliotecário ou o professor de Sala de Leitura tem acesso, passamos uma mensagem ao leitor. Por exemplo, que ele não tem tanta liberdade de escolha, que o espaço não o acolhe como leitor, que ele depende de alguém mais experiente para se mover e encontrar os livros que deseja. E tudo isso pode fazer com que ele não se torne um leitor autônomo e seja menos capaz de trocar opiniões com outros leitores; enfim, que não veja a Sala de Leitura como um lugar que também é dele, no qual ele interfere, participa, deixa a sua marca.

Portanto, o espaço, em sua organização física, pode criar um ambiente mais ou menos leitor. Mesmo que a organização não tenha sido intencional, as paredes falam. O discurso pode ser um, mas a organização do espaço denota as intenções que temos, a que damos valor, o que defendemos. Isto quer dizer

que as concepções de quem organiza o ambiente estão presentes na disposição dos móveis, das estantes, na forma como as opiniões dos leitores circulam em murais, marcadores de livros dispostos nas estantes, livros mais pedidos em destaque, dicas especiais dos leitores e do próprio POSL ou bibliotecário. O ambiente, dessa forma, torna-se um mediador das leituras.

Como conceber um ambiente de leitura?

Em primeiro lugar, os livros devem estar ao alcance dos leitores: de suas mãos e de seu desejo.

A organização do ambiente de leitura precisa, antes de tudo, considerar quem vai frequentá-lo. Na unidade, sabemos que temos idades variadas, interesses diversos. Do primeiro ano do Ensino Fundamental, passando pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) e chegando ao último ano antes do Ensino Médio, com quanta diversidade nos deparamos!

Para os menores, por exemplo, de que jeito organizar os livros para que sejam convidativos à leitura? Como os pequenos – que ainda não leem ou não o fazem com fluência – podem escolher ou se interessar pelos livros? Além de estar em estantes mais baixas, é interessante que estejam com as capas à mostra. Precisamos lembrar que, em geral, os livros para os menores possuem lombadas muito finas e, na maioria das vezes, seu título nem mesmo está escrito na lombada! Parece óbvio, mas uma simples forma de organizar as estantes pode despertar nos leitores mais ou menos vontade de ler.

Além de procurar guardá-los de frente – em caixotes, em estantes do tipo daquelas de banca –, o professor ou bibliotecário também pode separar o acervo por temas, autores ou verificando qual é o maior interesse daquela faixa etária, quais livros já leram, procurando colocar outros livros semelhantes e ainda desconhecidos mais próximos. A forma como arrumamos o espaço traduz as ações do POSL e do bibliotecário como pessoas comprometidas com a formação de leitores.

Na medida em que os leitores vão ganhando autonomia, pode-se apresentar estantes que tragam sugestões deles próprios. Por exemplo, a estante do “Você não pode perder” ou a estante do “Li e gostei”. São convites que os leitores podem fazer entre eles. Mas veja como estão presentes também as ações do POSL e do bibliotecário na organização desse ambiente em que se respira a leitura, por meio de propostas como:

- varais literários;
- murais com adivinhas sobre autores ou personagens famosos;
- murais com curiosidades sobre publicações e autores;
- livros mais retirados, com opiniões dos leitores;
- cantos com livros que viraram filmes;
- espaço decorado com poemas e trechos de alguns livros.

Para os alunos da EJA e aqueles que começam a se interessar pelas atualidades, pode-se organizar um canto de notícias com matérias de jornais e revistas, murais em que todos podem colocar suas próprias opiniões ou sugerir matérias.

Perceber, conhecer e pensar sobre o mundo em que vivemos é uma das importantes funções da leitura. E isso também pode ser incentivado por meio do ambiente.

“Ondas de leitura”

Você já reparou como existem ondas de interesse em relação a um autor ou ano? Entre as crianças e os jovens, isso é muito comum. Em determinada época, todos querem ler o mesmo livro, o mesmo autor. É uma espécie de socialização que passa pelo livro.

Nesses momentos, é importante aproveitar o interesse das turmas. Você pode organizar cantos ou murais sobre o tema ou o autor, deixando um espaço para que os leitores indiquem sua opinião a respeito do livro. Se ajudar, você também pode oferecer algumas dicas. Por exemplo: a minha expectativa

com esse livro era... e o que eu achei foi..., sugiro a leitura porque... meu livro preferido do ano... etc.

A leitura é sensorial

Fazem parte dessa aventura os sons, os cheiros, as luzes e as sombras do lugar no qual costumamos ler.

Quando lemos, não lemos apenas o livro que temos em mãos. Tente fazer um teste. Ao lembrar-se de suas leituras mais marcantes, com certeza farão parte dessas memórias a época de sua vida, o lugar em que estava, quem indicou a leitura etc. Isso quer dizer que a leitura não está isolada. Ela passa pelas nossas relações, pelo que somos quando lemos, onde estamos. Passa pela experiência de ler.

Muitos leitores lembram da Biblioteca como um lugar especial de suas memórias leitoras, como o lugar que impulsionou a vontade de ler ou que propiciou a descoberta da leitura. Quando organizamos uma Sala de Leitura ou uma Biblioteca, devemos sempre nos lembrar disso. Este lugar pode influenciar a relação dos leitores com os livros, pode propiciar encontros ou descobertas, marcando-os para sempre.

Analisando as memórias da escritora Fanny Abramovich, em entrevista ao Museu da Pessoa, em 2005, podemos perceber como o espaço pode marcar as relações que temos com os livros ou o que entendemos do que pode ser essa relação, o que é permitido, até que ponto podemos ir ou como o que concluímos a respeito do espaço pode influenciar nossa relação com as histórias e vice-versa. Olha só o que disse Fanny:

E o que me lembro é da Biblioteca do Mackenzie. A gente saía da aula, no recreio, era uma daquelas escadas que só o Hitchcock tinha, aquela que vai descendo... E lá embaixo estavam todos os livros. O Tesouro da Juventude, capa azul, capa dura, letras douradas, um que se chamava *O livro dos contos*,

uma história de doze princesas que desciam toda noite de sapato, de chinelo, para não fazer barulho, porque havia um baile. E aí elas trocavam o sapato, depois destroçavam. E ficava lá, e para mim aquilo era tão imenso, tão imenso, tão imenso, que nunca caí na bobagem de voltar, é claro que vou ter que olhar com meu olho de hoje, e não dos sete anos. Deixa ficar do tamanho que tinha aos sete anos, era assim “despirocante”. Era muito lindo! (Disponível em: <www.memoriasdaliteratura.art.br>. Data de acesso: 31 jan. 2012)

Foi na Biblioteca do pai, vendo-o ler diariamente o jornal, com atenção e avidez, que o escritor búlgaro Elias Canetti percebeu nascer sua curiosidade pelas letras, como dizia seu pai, aquelas muitas pequenas letras que diziam tantas coisas. O que essa experiência, relatada na autobiografia *A língua absoluta*, nos conta? Ela nos fala de algo a que as crianças ou quem está se formando leitor normalmente repara: a relação do parceiro mais experiente com a leitura, a relação do outro com os livros. Mais um motivo para que o espaço seja um ambiente de trocas, que propicie interações entre seus frequentadores.

A intimidade da leitura

A organização de um ambiente leitor também deve considerar a leitura como uma atividade privada, individual, ou seja, uma leitura íntima.

Sabemos que durante o trabalho na Sala de Leitura, o coletivo impera. Porém, que tal montar um canto com almofadas para momentos em que é possível ler por conta própria? Será que as mesas podem ser arrumadas de maneira diferente nessas ocasiões? Afastando-as e abrindo espaço para um grande tapete. Por que não? Muitas vezes, algumas maneiras de organização do espaço propiciam um contato mais íntimo com o livro, forma de leitura fundamental quando se quer fomentar o gosto dos alunos pela leitura.



Nas palavras de Elias Canetti (1987, p. 37):

[...] meu pai lia diariamente o Neue Freie Presse, e era um grande momento quando ele o desdobrava lentamente. Assim que ele se punha a lê-lo, já não tinha olhos para mim, e eu sabia que, de forma alguma, não me responderia; minha mãe também nada lhe perguntava, nem mesmo em alemão. Eu tentava descobrir o que tanto o prendia ao jornal; no começo, eu pensava que fosse o cheiro, e quando ficava só e ninguém me via, trepava na cadeira e avidamente cheirava o periódico. Mas depois notei como ele movia a cabeça ao longo da folha, e o imitei sem ter diante dos olhos o jornal que ele segurava sobre a mesa com ambas as mãos, enquanto eu brincava no chão, às suas costas. Certa vez, um visitante que entrara o chamou; ele se voltou e me flagrou em meus imaginários movimentos de leitura. Então se dirigiu a mim, antes de atender o visitante, e me explicou que o que importava eram as letras, muitas pequenas letras, nas quais ele bateu com o dedo. Em breve, eu também saberia ler, disse ele, e despertou em mim um insaciável anseio pelas letras. ◀



Uma boa organização do espaço pode atrair o olhar do leitor?

Regina Torquato, da EMEF “Prefeito Adhemar de Barros” ganhou leitores pelo modo como organizou o ambiente.

A sala é muito agradável e acolhedora. Há cantinho com tapetes e baú, um teatro de fantoches, vasilhinhos com plantas, frases sobre leitura coladas no alto

das paredes, suporte de livros (móvel), computador, quadro branco, TV e DVD. Os livros estão nas estantes com as capas viradas para a frente. A professora troca os livros de tempos em tempos para que os alunos se interessem.

Desde quando assumiu a sala, Regina já fez muitas mudanças. A POSL disse que antes os livros didáticos novos ficavam na Sala de Leitura, mas ela conversou com a coordenação e encontraram outro espaço para armazená-los. Segundo a POSL, os professores de Artes desconheciam os livros sobre esse tema porque ficavam “escondidos” nas prateleiras mais baixas, no fundo.

A atividade acontece...

Regina levou dois livros, leu os títulos e perguntou para as crianças de qual gostariam de ouvir a história. As crianças escolheram *A pena*. Enquanto lia em voz alta, mostrava as ilustrações.

Finda a leitura, fez comentários e perguntas sobre amizade. Ela já tinha separado outros livros que falavam sobre amor e amizade e os colocou no suporte móvel. Cada criança ia até ele e escolhia um para ler. Os alunos podiam também escolher o local para realizar a leitura (cadeiras, chão, tapete).

Por que esta é uma boa prática?

Embora as Salas de Leitura possuam um mobiliário-padrão, é possível inovar. Regina criou diferentes ambientes para contemplar diversos hábitos de leitura, tornando o espaço estimulante e acolhedor. Outro ponto a ser destacado é a preocupação da professora com o acesso aos livros: capas viradas para a frente, para que os pequenos leitores possam passear, folhear e escolher com autonomia; livros interessantes em evidência. ◀



Algumas soluções para a organização do acervo e melhor uso do espaço.

1. Parcerias que geram ambientes convidativos

FOTO: ANA CAROLINA CARVALHO



Na EMEF “Padre Aldo da Tofori”, a POSL Simone Seglio conseguiu uma parceria com a equipe gestora, e a Sala de Leitura ganhou gavetas/estantes. Segundo depoimento de Simone, “os livros ficaram ao alcance das crianças menores, separados por temas e autores. Não ficam escorregando porque estão bem colocados em uma gaveta, e ainda ganhamos espaço porque as gavetas podem ficar fechadas quando não estamos escolhendo os livros”.

2. Escolha com autonomia

FOTO: CINTHIA MANZANO



Na EMEF “Joaquim Nabuco”, a POSL Rosilene Camargo organizou o acervo em caixas de plástico, dividindo os títulos por temas, gêneros; dentro dessas categorias, há outra, em ordem alfabética. Para os menores buscarem seus livros com autonomia, Rosilene criou legendas coloridas e com desenhos.



3. Criando ambientes

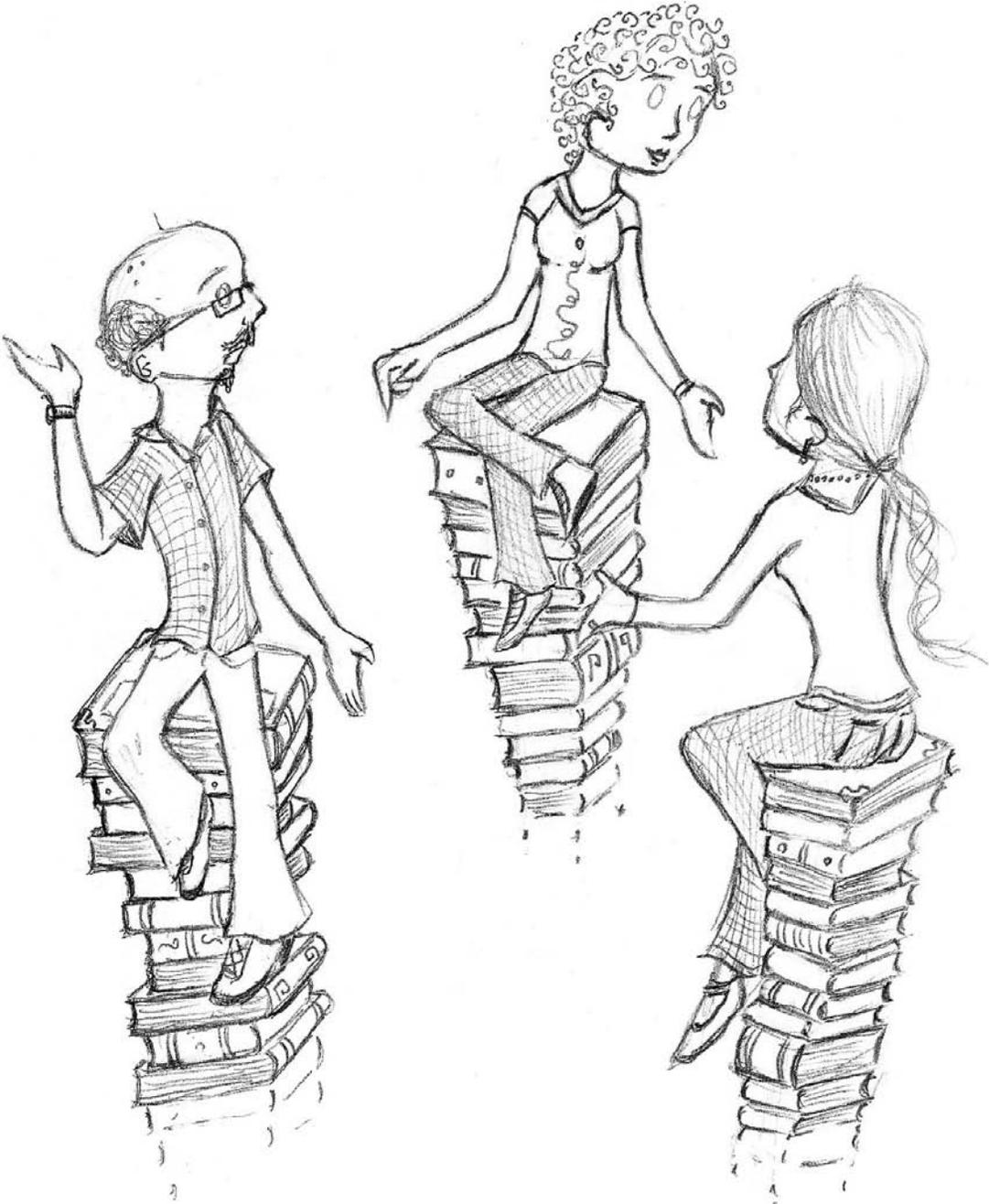
Na EMEF “Senador Lino de Mattos”, a Sala de Leitura tem um espaço pequeno. Por isso, a POSL Cintia Jordana optou por afastar as mesas e organizar as cadeiras em círculo. As estantes com livros estão distribuídas nas paredes. A maioria dos livros é organizada por gênero e está com a capa virada para a frente, de forma a facilitar que os alunos identifiquem os títulos e assuntos.

4. Uma sala aconchegante



Na EMEF “Maria Benice dos Santos”, a POSL Daniela Neves, em parceria com a equipe gestora, optou por retirar as mesas e cadeiras da Sala de Leitura. E não se arrependeu. Dessa maneira, a Sala fica bem focada na atividade de leitura literária

e os alunos podem escolher como preferem dedicar-se a essa atividade: bem acomodados em almofadas, deitados no tapete, em grupos ou realizando uma leitura individual. Na imagem a seguir, isso fica bem claro.



Capítulo 6

A Sala de Leitura e suas interfaces

A Sala de Leitura e suas interfaces

*Clássicos, cultura, quanto mais cultura houver, maior,
mais diverso será o prazer. Inteligência. Ironia. Delicadeza.
Euforia. Domínio. Segurança: arte de viver.
O prazer do texto pode definir-se por uma prática,
sem nenhuma repressão: lugar e tempo de leitura...*

BARTHES. 1987, P. 85

A leitura da literatura amplia nosso conhecimento de mundo, constrói nosso pensamento e nossa crítica, ajuda a definir nossa postura perante tudo aquilo que nos rodeia. Ao contrário de uma visão meramente utilitária da Sala de Leitura, infelizmente ainda bastante presente e que a coloca a reboque da sala de aula, o que propomos aqui é uma parceria fértil, uma conversa que amplia horizontes dos alunos e dos professores.

Numa parceria construída entre professores envolvidos na promoção da leitura é que se delimita a ação de cada um. Assim, não é o professor da sala de aula que determina o que deve ser lido na sala de leitura e nem que as atividades do POSL deem continuidade a uma tarefa iniciada em classe. Nessa parceria, o papel do professor é outro: sugerir leituras, apontar interesses ou assuntos trabalhados, trazer títulos, acervo para seu componente curricular.



Na EMEF “Padre Aldo da Tofori”, a parceria entre a Sala de Leitura e a professora de Português dos 8^{os} anos deu muito certo. Olhe só como aconteceu o trabalho.

Duas professoras comprometidas com o desejo leitor de seus alunos

Notando que havia uma queda no interesse dos alunos do 8^o ano pela leitura literária e percebendo, ao mesmo tempo, que boa parte dos alunos interessava-se por livros que não eram trabalhados na Sala de Leitura, a POSL Simone pensou em trazer esses livros para dentro da unidade escolar, como forma de aumentar o interesse dos alunos.

Mas havia um problema: entre os livros que mais chamavam a atenção dos alunos, poucos títulos tinham exemplares suficientes para “segurar” a turma. Em parceria com a professora de Português, Rita, as duas pensaram em uma solução.

Simone organizou uma caixa com os livros “mais, mais”, os preferidos das turmas. Ela e Rita combinaram trabalhar juntas no estímulo à leitura. Como realizar a parceria? Unidas dos livros preferidos – e mais alguns clássicos escolhidos por elas –, todos organizados na mesma caixa, estabeleceram que, às terças-feiras, a aula de Português seria dedicada à leitura dos livros escolhidos na caixa pelos alunos. A leitura seria realizada na sala mesmo, por conta da pequena quantidade de exemplares.

A caixa de livros rodou por todas as salas de 8^o ano em um mesmo dia. Cada aluno com um livro nas mãos; sob os olhos, o mesmo livro que estava nas mãos do aluno da sala vizinha.

Decorrido algum tempo, a unidade escolar toda se mobilizou para realizar sessões de comentários sobre os livros lidos. Nesse dia, também uma terça-feira, vários professores – cada um em uma sala, em cada sala a discussão de uma leitura – recebem alunos de salas variadas para conversar sobre um livro lido.

O projeto acontece desde 2010, com cinco salas de 8^o ano. Na avaliação realizada ao final de 2010, muitos alunos afirmaram que pegaram gosto pela leitura, que não tinham antes. E 90% dos alunos participantes consideraram a iniciativa positiva. Simone e Rita avaliam a parceria como um projeto que tem dado certo e dizem estar

permanentemente se questionando e refletindo sobre a prática – talvez por essa razão o projeto tem sido tão bem-sucedido!

Por que esta é uma boa prática?

- As professoras estavam atentas ao que os alunos gostariam de ler. Procuraram atender ao interesse dos alunos, mas, sabendo que uma leitura puxa outra, incrementaram a caixa com outros livros, incluindo alguns clássicos, garantindo, assim, o acesso a obras de boa qualidade literária.
- Contornaram o problema de ter poucos exemplares criando um clube de leitura intersalas – todos conseguiram ler o livro desejado e ainda puderam trocar opiniões e compartilhar a leitura e suas impressões.
- Uma andorinha sozinha não faz o verão... A parceria das professoras contou com o apoio da gestão unidade escolar, que possibilitou uma articulação entre o grupo de professores, envolvendo-os no momento de troca entre os alunos; enfim, legitimando a proposta de Rita e Simone. Formar leitores é a meta da unidade escolar, e não apenas da Sala de Leitura, atitude muito acertada na EMEF “Padre Aldo da Tofoiri”.

Integrando diferentes faixas etárias na Sala de Leitura

CEU VILA DO SOL, DRE CAMPO LIMPO

PROFESSOR ORIENTADOR DE SALA DE LEITURA: **ROBSON CESLESTINO PRYCHODCO**

Ler e ouvir para poder crescer...

A Sala de Leitura da EMEF, com um acervo rico e diversificado, serviu como propulsora da atividade de leitura realizada pelos alunos maiores, uma turma de 8º ano, para os pequenos do CEI e da EMEI.

A atividade começou com um convite do POSL aos alunos do 8º ano para participar de uma mediação de leitura para as crianças do CEI e da EMEI. No início, alguns ofereceram certa resistência, mas depois todos aceitaram participar.

O próximo passo foi convidar uma professora do CEI para conversar com os adolescentes, dando algumas orientações sobre como ler ou contar histórias para crianças pequenas e como chamar a atenção delas. A professora ressaltou a importância de interagir com as crianças durante a leitura, permitindo que elas exponham suas opiniões. Por último, orientou os alunos a ler em um bom tom de voz..

Os adolescentes escolheram os livros que leriam para os pequenos. Durante a realização da atividade, todas as crianças e jovens saíram ganhando. Os pequenos porque adoraram a atenção e o carinho com que foram tratados, além de perceber que aquelas pessoas grandes dedicavam-se exclusivamente a eles lendo belas histórias, fomentando sua imaginação.

Os grandes, um pouco tímidos no início, soltaram-se, fizeram valer aquele momento e tiveram a oportunidade de perceber como é rico o contato carinhoso e generoso com o outro, além de vivenciarem a oportunidade de ler com prazer, sem qualquer tipo de cobrança. Mesmo sendo maiores, também fizeram suas descobertas ou redescobertas do mundo ao seu redor, questionado o outro, se questionando ou até espichando o olho e o ouvido para acompanhar a história alheia.

Por que esta é uma boa prática?

- Articula Centros de Educação Infantil, Escola Municipal de Educação Infantil e Escola Municipal de Ensino Fundamental em torno da leitura.
- Promove o contato entre adolescentes e crianças por meio da leitura.
- Valoriza a autoimagem do adolescente, na medida em que o coloca como protagonista e mediador da ação leitora. ◀

Interfaces Sala de Leitura e Biblioteca

Sala de Leitura e Biblioteca unidade escolar são próximas, mas não são sinônimos. Em comum, esses dois ambientes têm como objetivo principal a formação de leitores, além de tantos outros, como divulgar a produção literária, fazer circular o acervo, estimular a troca entre leitores e planejar eventos literários diversos.

No entanto, os modos de funcionamento desses dois ambientes possuem peculiaridades: na Sala de Leitura há um tempo determinado na semana para atendimento de cada aluno, o tempo de uma aula, o que garante a frequência de todos os alunos. Além disso, a Sala de Leitura está sempre acolhendo alunos da mesma idade, da mesma classe.

Na Biblioteca, não é assim que acontece. No mesmo espaço de tempo podemos ter a frequência de pessoas de idades, experiências e anseios variadíssimos com relação à leitura.

E as diferenças não param por aí: na Sala de Leitura, como mediador está o POSL, profissional com formações variadas, originariamente um professor. E na Biblioteca? Quem está lá como mediador é um profissional com formação em Biblioteconomia, não necessariamente um professor.

Embora esse bibliotecário possa receber algumas turmas e seus professores em visitas previamente agendadas e realizar eventos e atividades que estimulem a frequência dos alunos – o que é bastante desejável –, a ida à Biblioteca não está prevista no currículo. Esta característica confere diferentes aproximações a esse ambiente, que em geral acolhe leitores que chegam voluntariamente, que se interessam por esse ou aquele livro.

No entanto, se a Biblioteca está na unidade, não podemos dar atenção apenas aos alunos que já são leitores. É nosso dever atrair quem não frequenta ou quem conhece pouco a Biblioteca. É função certa e contada da Biblioteca de uma unidade agregar mais e mais leitores. É aí que esses dois ambientes – Sala de Leitura e Biblioteca – podem e devem conversar.

O que começa na Sala de Leitura pode terminar na Biblioteca

Quando afirmamos que a função da Sala de Leitura é a formação de leitores, o que desejamos é que os alunos possam também frequentar outros ambientes leitores, que se sintam à vontade neles. Portanto, o objetivo é que a aproximação com a literatura possa acontecer também em outros ambien-

tes, como a Biblioteca da unidade, livrarias, sebos e bibliotecas do bairro e da cidade.

POSL e bibliotecários podem articular seus trabalhos

Comunicação entre os acervos

A caracterização dos acervos da Sala de Leitura e da Biblioteca da unidade costuma ser diferente. Na Sala de Leitura, com a preocupação de que uma turma inteira possa acompanhar uma leitura compartilhada e retirar o mesmo livro, há normalmente um número maior de títulos iguais. Na Biblioteca, costuma-se ter uma diversidade maior de títulos, porém um menor número de exemplares iguais.

As dicas de leitura realizadas na Sala de Leitura podem ser transportadas para a Biblioteca. Sugestões e recomendações em forma de cartazes, móveis ou marcadores de livro podem estimular a comunidade a conhecer outros ambientes leitores.

Pode-se criar saudáveis trocas entre os leitores dos dois ambientes sobre o mesmo livro, sobre autores ou sobre leituras de jornal.

Saraus conjuntos

É interessante a realização de saraus interclasses. Tanto a Sala de Leitura quanto a Biblioteca podem fomentar esses encontros.

Com saberes e formações tão diferentes, POSLs e bibliotecários dialogam, somando conhecimentos e enriquecendo os respectivos trabalhos, favorecendo melhores resultados. Um bibliotecário pode dar dicas de organização do acervo. Um POSL pode dar algumas sugestões de livros que agradam mais determinada faixa etária.

Anexo

Como utilizar o baralho do Clube de Leitura

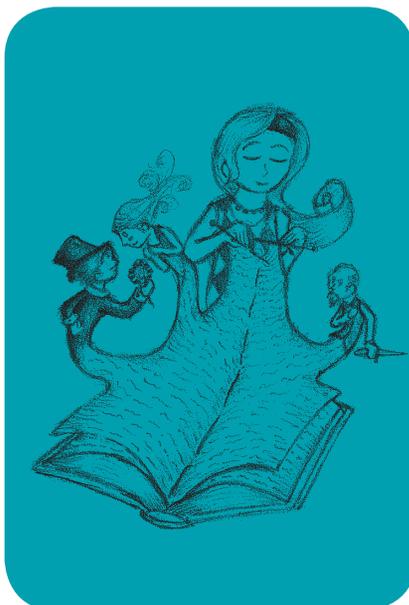
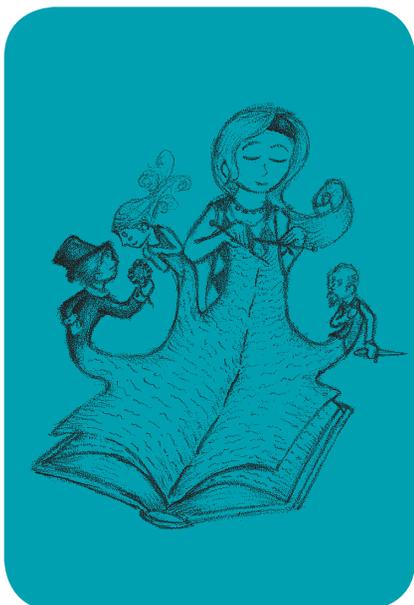
Este baralho apresentado aqui pode ser reproduzido, montando frente e verso em cartolina ou papel-cartão e ser utilizado no Clube de Leitura.

Ai vão algumas sugestões para você utilizá-lo:

- Com o monte de cartas no centro do grupo de alunos, sugira que cada aluno retire uma carta, leia a pergunta em voz alta e responda a questão. Dê um tempo para comentários do grupo. Em seguida, outro aluno faz o mesmo.
- “Mexe mexe” – distribua as cartas entre os alunos, uma carta para cada um. Um por vez escolhe de quem quer tirar a carta e para quem vai perguntar a questão retirada. É preciso garantir que todos sejam escolhidos para falar.
- Com o monte de cartas na mesa, um aluno por vez retira uma carta e um nome de um participante do grupo, que deve estar em um saquinho ou caixinha ao lado do monte. O aluno sorteado responde à pergunta e sorteia outra carta para dar prosseguimento ao jogo. Jogue junto com os alunos. É mais divertido!

Invente outras questões! Peça sugestões aos seus alunos. É uma excelente oportunidade para eles refletirem sobre as questões que fazem uma boa conversa no Clube de Leitura.

Verso do baralho



Frente do baralho

*Merecia estar
no Museu*

Escolha uma
ilustração ou uma
imagem sugerida
pela leitura.

*Comente o
trajeto de sua
leitura*

De um só fôlego,
interrompida,
dilacerada,
apaixonada, solitária,
comentada com
outro etc.

Teve o que merecia!

Escolha o vilão mais cruel para colocar na prisão para sempre.

É hora de jantar...

Qual livro você leu mais rápido e com menos pausas? Por quê?

O que você ainda está fazendo aqui?

Escolha um personagem que não gosta ou que acha que não contribui nada para a história.

Deus me livre!

Comente uma passagem dolorosa, triste, que você não deseja para ninguém.

Eu levaria para um café

Escolha um personagem apaixonante para tomar um café.

Se ele ainda estivesse aqui...

Escolha um personagem para levá-lo em aventuras pelo mundo.

*Um lugar
para passar as
férias*

Escolha um
cenário inesquecível
do livro lido.

*Acidentes de
percurso*

Escolha uma
passagem que
poderia ter sido
diferente em sua
avaliação.

*Um verso ou
trecho do texto
para anotar
no diário*

*Troféu
esquisitice vai
para...*

Escolha um autor,
personagem ou
ilustrador e faça a
defesa do troféu.

Epílogo

Faltou dizer...

Não foi quando ouvi a história da *Chapeuzinho Vermelho* e me peguei passeando por uma floresta sem conhecê-la, tremendo por dentro e torcendo freneticamente pela chegada salvadora do caçador. Nem quando fiquei desconcertado e inquieto ao conhecer *Rumpelstiltskin* através de um objeto emprestado pela minha prima Maria Alice, cheio de folhas de papel com desenhos coloridos mais bonitos que as lições da cartilha. E nem quando me dei conta que esse anãozinho terrível, cheio de truques e maldades, fazia parte de uma vida inventada. É que não me lembro ao certo quando me apercebi do poder das palavras. Soltas pelas vozes ou impressas, viviam dentro de mim com vida própria, como um céu imaginário, um circo acoplado à minha existência, pronto para ter função com seus espetáculos inimagináveis e surpreendentes. Vida de menino de interior tem dessas coisas...

Quando elas vinham à tona de uma página ou de um disquinho que rodava incansável na vitrola, vagando pelo ar, ou nasciam da boca da professora em movimentos de olhos e mãos quando nos contava causos engraçados ou tristes, prontamente viravam cenas de filmes, parecidos com os que assistíamos a cada domingo no cine São José. Algumas palavras eram capazes de ficar impregnadas, indo com a gente passear pelo resto das coisas da vida, das brincadeiras, dos sonhos dormidos e acordados.

Muitas vezes achava que aquele anãozinho malvado poderia surgir em meio à goiabeira gigante do quintal, nosso brinquedo maior, pronto para roubar a cobiçada goiaba madurinha, quase ao nosso alcance. Ou para tentar derrubar a gente do galho mais alto e depois soltar a risadinha mais marota e estridente antes de desaparecer. Por tudo isto não me dava conta da vida das

palavras que moravam nos livros, uma espécie de hábitat natural delas. Muito menos da sua importância. Para mim eram como frutos, passarinhos, borboletas. Coisas assim. Presentes da vida e da natureza.

Talvez eu tivesse começado a levar mais a sério esta ideia de “coisa importante” quando tive de ler alto, pela primeira vez e em bom som, para o seu Oswaldo. Era o trecho de um livro sorteado, dentre os que ficavam no armário da sua sala. Dele para a mesa solene. Em época de exames finais, passávamos todos pelo crivo do nosso diretor. Líamos para ele um trecho apontado com seu dedo imperioso numa página qualquer. Era o nosso deus do sim e do não. Lembro-me de que ganhei um “muito bem” discreto após minha primeira leitura importante. Sem me dar conta, menos importante era quando lia de quando em vez para a minha irmã menor, feito aluna improvisada, para o meu periquito que se escondia no labirinto da folhagem e para mim mesmo. Em tons e sentidos diversos, talvez emprestados de alguns personagens marcantes escondidos nas gavetinhas da memória. Comparando as seções de leitura, nas menos importantes, as palavras tiveram vida, logo se transformavam em cenas ou espetáculos. Esponjas de ideias. No ritual do exame da unidade escolar as palavras ficavam ocas. Não tinham movimentos, nem sangue e nem nada. Apenas viravam som, com imagens obscuras e opacas. Com o tempo fui percebendo que a seriedade e a importância do livro estavam exatamente no seu convívio com a gente, numa espécie de vida paralela, imaginária e sustentadora. Penso no presente onde está o aluno leitor e como anda acontecendo o encantamento, a cumplicidade, a viagem através das palavras, esses ancestrais sinaizinhos que nos permitem viver outras vidas nas nossas, comuns e previsíveis.

ANTONIO GIL NETO

Disponível em: <http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf/>.

Data de acesso: 1 fev. 2012.)

Bibliografia

- BAJO, David. *Os 351 livros de Irma Arcuri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRITTO, Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. In: INSTITUTO C&A. *Prazer em ler*. São Paulo: Cenpec, 2007. v. 2.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- FADIMAN, Anne. *Ex-libris: confissões de uma leitora comum*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Madalena. O papel do registro na formação do educador. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogico.org.br>>. Data de acesso: 13 dez. 2011.
- GOULEMOT, Jean Marie. *O amor às bibliotecas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- INSTITUTO C&A. *Prazer em ler*. São Paulo: Cenpec, 2007. v. 2.
- LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, 2002.
- LERNER, Délia. *Ler e escrever na unidade escolar: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PIETRO, Heloisa. *Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999.

PRIVAT, Jean Marie. Socio-lógicas de las didácticas de la lectura. *Lulu Coquette. Revista de didáctica de la lengua y la literatura*, La Plata, n. 1, 2001.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagens para o Ensino Fundamental: Ciclo I/SME*. São Paulo: SME/DOT, 2007a.

_____. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagens para o Ensino Fundamental: Ciclo II/SME*. São Paulo: SME/DOT, 2007b.

_____. *Cadernos de apoio e aprendizagem. Língua Portuguesa/Programas Ler e Escrever e orientações curriculares*. São Paulo: Fundação Anchieta, 2010.

_____. *Orientações curriculares e expectativas de aprendizagem educação étnico-racial para na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio*. São Paulo: SME/DOT, 2008.

_____. *Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo II – Caderno de orientação didática de Língua Portuguesa*. São Paulo: SME/DOT, 2006.

SHAFFER, Mary Ann; BARROWS, Annie. *A sociedade literária e a torta de casca de batata*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SIBONY, Daniel. *Entre-deux. L'origine em partage*. Paris: Editions du Seuil, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A criança e a leitura: da obrigação ao lazer. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, v. 3, 1984.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

*Nossos a agradecimento aos professores orientadores
das Salas de Leitura e aos bibliotecários, que compartilharam
suas práticas e inspiraram a publicação deste material.*



Esta publicação foi composta nas fontes LeMondeLivre, Mundo Sans
e Emmascript, impresso em 2 cores sobre papel pólen 90 g/m²
pela Gráfica Vida e Consciência, em fevereiro de 2012.